

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MONOGRAFIA PARA A CONCLUSÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM  
HISTÓRIA

**COMMON DESTINY: AS RELAÇÕES EXTERIORES ENTRE O BRASIL E OS  
ESTADOS UNIDOS NAS OBRAS DE MARIE ROBINSON WRIGHT**

ALUNA: BEATRIZ CANTOR DE MORAES RA00194248

ORIENTADOR: PROF. DR.AMILCAR TORRÃO FILHO

SÃO PAULO, 2020

## Resumo

A seguinte monografia visa a compreensão da mudança nas diretrizes das relações exteriores entre o Brasil e os Estados Unidos nas obras da viajante estadunidense Marie Robinson Wright a partir de dois eventos concebidos como significativos pela mesma: a III Conferência Pan-Americana de 1906 e a Exposição Nacional de 1908. Ambos os ocorridos estão inseridos nas obras “The New Brazil” e “The Brazilian National Exposition of 1908” respectivamente. Pretende-se visualizar inicialmente um panorama da trajetória da viajante, seguido pela historicização das relações exteriores no final do século XIX e início do XX. Posteriormente será trabalhado o conceito de Pan-americanismo, assim como seus efeitos políticos e econômicos tanto no governo brasileiro quanto na obra de Marie Wright e, por último, a Exposição Nacional na visão da viajante e suas consequências nas relações internacionais e na percepção da autora do cumprimento de um destino comum entre o Brasil e os Estados Unidos.

Palavras-chave: Marie Robinson Wright, Brasil, Estados Unidos, relações exteriores, Pan-americanismo, Exposição Nacional.

**Sumário**

1- Introdução.....	pp.4
2- Contextualização e Metodologia.....	pp.7
3- Biografia de Marie Robinson Wright e introdução às obras.....	pp.21
4- As relações exteriores entre o Brasil e os Estados Unidos no final do século XIX e início do XX.....	pp.31
5- O Pan-americanismo: influências e inserção na obra de Marie Robinson Wright.....	pp.39
6- A Exposição Nacional de 1908 e as relações exteriores na obra de Marie Robinson Wright.....	pp.57
7- Conclusão.....	pp.68
8- Referências Bibliográficas.....	pp.72

## 1- Introdução

A literatura de viagem, como gênero literário e forma de representação imagética de locais diversos, tornou-se mais presente no Brasil após a abertura dos portos às nações amigas em 1808. Os viajantes constroem imagens do outro, formulam significações para as paisagens e indivíduos encontrados nos caminhos e buscam elaborar um sentimento de alteridade com a finalidade de terem seus relatos publicados e lidos. No caso da viajante trabalhada, Marie Robinson Wright, a estadunidense produziu uma série de obras sobre a formação dos Estados nacionais na América Latina que englobam aspectos da literatura de viagem, com a inserção de apontamentos próprios e seu posicionamento como estrangeira, conjuntamente com uma escrita e conteúdo que seguem os modelos da historiografia da época, com base nos Institutos Históricos e Geográficos. Desta forma, suas obras se diferenciam dos tradicionais relatos de viajantes que vieram ao Brasil no final do século XIX e início do XX, buscando legitimação no meio científico e dentro da sua instituição de saber, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Marie Wright vivencia durante a sua residência no país os primeiros anos da República Velha (1889-1930), momento no qual o governo busca traçar as diretrizes para o seguimento de uma nova política após o golpe responsável pela derrubada do Império.

O recorte temporal deste trabalho engloba o início das viagens de Marie Robinson Wright, a década de 1890, até o ano aproximado de sua partida do Brasil, em 1910. Este período se encaixa no que Eric Hobsbawm determina como “A Era dos Impérios” e, de acordo com o mesmo, “[...] o período entre 1875 e 1914 pode ser chamado de Era dos Impérios não apenas por ter criado um novo tipo de imperialismo, mas [...] Foi provavelmente o período da história mundial moderna em que chegou ao máximo o número de governantes que se denominavam ‘imperadores’<sup>1</sup>. Foi durante este recorte histórico que o termo imperialismo passa a ser amplamente utilizado, sendo aplicado tanto aos Impérios na Europa e Ásia, responsáveis por repartirem os territórios africanos entre si, mas envolvendo também a nova potência mundial nas Américas, os Estados Unidos. A viajante Marie Wright não reconhece as ações estadunidenses como imperialistas, mas como o reflexo de um comportamento de uma irmandade frente a

---

<sup>1</sup>HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp.94.

América Latina, desejoso por levar o caminho do progresso político e econômico aos países latino-americanos.

O ato de viajar, para as mulheres do século XIX e início do XX, não é somente um deslocamento espacial, mas um deslocamento interno e um estranhamento de aspectos da própria viajante e dos indivíduos em seu caminho. A recusa à delimitação de suas vidas aos papéis socialmente naturalizados demonstra o potencial das mesmas, gradativamente “reinventando ou redescobrindo o sujeito feminino”<sup>2</sup>. A mulher passa a conquistar, ao longo do século XIX, um espaço até então predominantemente masculino, gradativamente legitimando-se como pesquisadora e cientista. As obras de Marie Robinson Wright sobre o Brasil, embora apresentem aspectos da linguagem presente na literatura de viagem, foram constituídas cronologicamente a partir de fatos históricos consagrados e bases documentais, buscando confirmar-se como verossímil. Assim, a viajante traçava os caminhos pela publicação e afirmação de si mesma como pesquisadora, assim como o empenho pela sua legitimação no meio científico a partir da utilização das noções das correntes historiográficas tradicionais dos Institutos Históricos e Geográficos em suas obras. Embora no último capítulo de “The New Brazil”, ao despedir-se do país, a autora comprove sua viagem ao Brasil, não há menções aos trajetos percorridos, datas de chegada, locais de estadia ou formas de transportes utilizados ao longo de seu percurso no Brasil, buscando manter-se afastada dos estigmas carregados pelo viajante, de uma escrita ficcional ou inverossímil, e aproximando-se da posição como historiadora, supostamente neutra.

Os desafios enfrentados pelas viajantes vão além da busca pelo reconhecimento da veracidade dos seus relatos, expandindo-se as rotas percorridas, além do estigma de mulher pública e sem lar carregados pelas mesmas. O espaço, tanto geográfico como simbólico, consagrado à mulher do século XIX em seu cotidiano, configuram ambientes restritos sob o constante controle masculino. “Com a aquisição de seu novo status de lugar público, a rua passou a ser vista em oposição ao espaço privado – a casa”<sup>3</sup>. A mulher pesquisadora, viajante e independente busca cada vez mais ocupar um espaço nas diversas áreas de conhecimento, na política e mesmo nos movimentos sociais. No caso de Marie Wright, sua presença em eventos oficiais do governo, acompanhando e visitando locais

<sup>2</sup> FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina*. Cadernos Pagu, Campinas, n.50, pp.6, fev. de 2017.

<sup>3</sup> D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In. *História das mulheres no Brasil*. 10<sup>a</sup>ed. São Paulo: Contexto, 2017, pp.224.

de importância política e sua entrada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1901 comprovam seus intentos por estabelecer-se como pesquisadora não somente no Brasil, mas como estudiosa sobre a América Latina.

Enquanto residia no Brasil, Marie Wright acompanhou a III Conferência Pan-Americana e a Exposição Nacional, dois eventos de extrema importância política para o desenvolvimento das relações durante a República, mostrando-se presente em locais onde usualmente mulheres não percorriam desacompanhadas. O presente trabalho busca analisar o desenvolvimento das relações exteriores entre Brasil e os Estados Unidos na passagem para a República a partir de dois eventos relatados nas obras da viajante Marie Robinson Wright sobre o Brasil, a III Conferência Pan-Americana de 1906 e a Exposição Nacional de 1908. O primeiro envolveu o encontro entre a elite política dos países latino-americanos e os Estados Unidos na tentativa de firmar acordos baseados em reciprocidade mútua e o segundo buscou apresentar para o público local e externo a diversidade produtiva e econômica do Brasil. Ambos os eventos são retratados com ênfase nas obras de Marie Robinson Wright, decorrendo durante a permanência da mesma no país.

## 2- Contextualização e Metodologia

A metodologia a ser utilizada ao longo do trabalho parte das ideias formuladas por Michel de Certeau em sua obra “A escrita da História”, partindo do conceito de “lugar social” elaborado na mesma. A viajante Marie Robinson Wright, ao deparar-se com a América Latina durante suas viagens, a desenha em suas obras a partir de um olhar particular, construído ao longo de sua vida pelas inúmeras influências de seu país de nascença e seus trabalhos como jornalista, transmitindo por meio de suas palavras uma realidade construída a partir de seu próprio prisma. “De um lado, o real é o resultado da análise e, de outro, é o seu *postulado*. Essas duas formas de realidade não podem ser nem eliminadas nem reduzidas uma à outra. A ciência histórica existe, precisamente, na sua relação.”<sup>4</sup>. Nesta ligação estabelecida pelo autor percebe-se um movimento dialético, no qual o trabalho historiográfico constrói a forma como entendemos a realidade e, ao mesmo tempo, é formado por ela.

Desta forma, ao realizar o que o autor define como “gesto do historiador”<sup>5</sup>, este sendo a ligação entre ideias e lugares, Marie Wright cria e insere suas obras em um âmbito da ciência histórica, partindo de uma realidade, a América Latina durante o processo de formação dos Estados Nacionais, para criar uma outra realidade a partir do seu olhar, impressa em suas obras. O discurso que se propõe a tratar sobre o outro permanece sendo o discurso formulado pelo indivíduo que o analisa<sup>6</sup> e, portanto, propenso a refletir suas próprias concepções. O encontro cultural entre o repertório cultural estadunidense da viajante e a América Latina encontrada ao longo de suas viagens pode também ser entendido a partir do termo “*contact zone*” ou “zona de contato”, proposto por Mary Louise Pratt, auxiliando na relação dialética entre os aspectos de dois países na vida e obra de uma viajante. A zona de contato seria, para Mary Pratt “[...] an attempt to invoke the spatial and temporal copresence of subjects previously separated by geographic and historical disjunctions, and whose trajectories now intersect”<sup>7</sup>. Embora a autora utilize o conceito para se referir a espaços de encontro colonial, o mesmo poder ser aplicado no entendimento de dois universos culturais que se encontram dentro de um espaço interno da viajante. Assim, Marie Wright produz conhecimentos sobre a formação dos Estados

---

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3<sup>ª</sup>ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, pp.26.

<sup>5</sup> Ibidem, pp.32

<sup>6</sup> Ibidem, pp.27.

<sup>7</sup> Ibidem, pp.7.

latino-americanos e suas Repúblicas em uma zona de contato, um espaço de encontro cultural que envolve relações conflitantes, gerando operações de apagamentos e a valorização de momentos que corroboram com a sua própria visão.

Da mesma maneira em que o contexto vivido pela viajante influencia na sua compreensão da realidade, o discurso proferido pela mesma sobre a América Latina também se encontra carregado de influências de suas conjunturas. O universo cultural latino-americano seria o “outro” que a viajante procura interpretar através da operação historiográfica. O objetivo de suas viagens seria, de acordo com Marie Wright em sua entrevista ao Topeka Daily News<sup>8</sup>, transmitir conhecimento sobre a América Latina aos leitores estadunidenses devido a falta de informações acerca da mesma no país. Assim, os países visitados configuram um “outro” do qual a viajante se dispõe a interpretar e relatar a um público letrado a partir das próprias impressões obtidas pelo caminho, pelos documentos e obras analisadas durante as pesquisas nos locais, procurando levar informações acerca de países dos quais a viajante se especializa. Um dos marcos característicos das obras de Marie Robinson Wright, que a difere dos demais viajantes, é a presença de traços da literatura de viagem atuando conjuntamente e se sobrepondo a linguagem científica e os estudos historiográficos da mesma, buscando afirmar-se tanto como viajante quanto como cientista. Com isto, a autora poderia carregar o status de viajante, mas legitimar a veracidade das informações em suas obras através do método científico.

Um dos meios que auxiliam na formulação de uma linguagem científica da viajante é o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no qual Marie Wright torna-se membro em 1901, sendo a segunda mulher a conseguir entrar no Instituto. O mesmo seria o que Certeau define de “instituição do saber”, sendo um “[...] lugar deixado em branco ou escondido pela análise que exorbitou a relação de um sujeito individual com seu objeto...”<sup>9</sup>. Marie Wright demonstra, ao longo de “The New Brazil”, a influência direta das correntes de pensamento presentes nos Institutos Históricos e Geográficos, nos quais a produção da historiografia posicionava-se em razão da necessidade de uma união ao redor do recente sistema republicano no Brasil, tendo como missão a construção de um repertório simbólico que o legitimasse. O “Novo Brasil”, como a viajante o define, é

---

<sup>8</sup> Ver análise da entrevista na página 23 deste trabalho.

<sup>9</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3<sup>ª</sup>ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. pp.51.

apresentado como uma novidade no repertório de informações acerca do país, fornecendo uma atualização historiográfica. A historiografia sobre os Institutos Históricos e Geográficos comumente faz referência aos homens responsáveis pela publicação nas revistas e de obras que auxiliaram a construção da noção de uma história da nação brasileira. Porém, a presença de mulheres dentro dos Institutos é documentada, mesmo que as mesmas não tenham conseguido publicar nas revistas, como no caso de Marie Wright, embora permaneçam muitas vezes esquecidas pela historiografia. Sobre a falta de uma historiografia que mencione as mulheres dentro dos Institutos, pode-se pensar a reflexão feita por Emília Viotti, em que “Raramente nos perguntamos até que ponto as omissões da historiografia reproduzem as formas de exclusão e contribuem para mantê-las”<sup>10</sup>.

Certeau apresenta em sua obra o conceito de “lugar social”, definindo-o como o meio socioeconômico, político e cultural de elaboração da pesquisa. O mesmo explicita os diversos âmbitos culturais nos quais os locais de escrita se inserem, sendo um conceito que contempla as relações entre o contexto vivido e o que é produzido. “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes são propostas, se organizam.”<sup>11</sup>. Como viajante, Marie Robinson Wright ocupa diversos lugares sociais ao longo de sua trajetória e o conceito permite ao pesquisador trabalhar a multiplicidade de influências atuantes em seu olhar de uma forma mais panorâmica. Dentre os lugares sociais ocupados pela mesma estão: como mulher letrada, como estadunidense, como jornalista, como viajante, como pesquisadora e como membra do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Neste trabalho será analisado o lugar social como estadunidense e viajante, seus contextos tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos que influenciam diretamente seu olhar sobre o futuro das relações exteriores do Brasil, revelando um olhar distanciado sobre o universo latino-americano como estrangeira e como pesquisadora.

Sobre o Brasil nos anos em que Marie Wright esteve residindo no país, de acordo com Lilia Schwarcz, a passagem do século XIX para o XX pode ser caracterizada como uma

---

<sup>10</sup> COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. 9<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010. pp.493.

<sup>11</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. pp.47.

sobreposição de temporalidades<sup>12</sup>, em que os princípios da modernidade ocidental colidem com a manutenção de hierarquias e ordens sociais vigentes desde o período da colônia, culminando em uma modernidade periférica. Nesse sentido, “[...] a tradição se inscrevia em meio à modernidade e o novo se confundia com o velho”<sup>13</sup>. Porém, na visão de Marie Wright, a instauração da República traria para o Brasil os caminhos para a realização de um destino que se imprimia no novo e na modernização, culminando em uma quebra com o passado. Sua visão teleológica da história é apresentada ao colocar a proclamação da República como um evento necessário, uma escolha de que esta constituía o único caminho a ser percorrido para o futuro: “But a succession of events occurred which led so unavoidably to the climax, that there was no possibility of pursuing any other course that the one chosen, which, resulted, in November, 1889, in the establishment of the republic...”<sup>14</sup>. A República se organizou em uma estrutura institucional que favorecia a burguesia cafeeira de São Paulo, apesar das dificuldades encontradas pelo poder central em colocar -se como majoritário frente a força dos poderes regionais. De acordo com Boris Fausto, o sistema político da Primeira República (1889-1930) pode ser analisado a partir da presença de três núcleos de poder: o regional, as oligarquias estatais e o governo federal, recebendo apoio das oligarquias das regiões mais ricas do Brasil<sup>15</sup>. Apesar das divergências de interesse e os conflitos entre os governos regionais, o governo central buscava mostrar-se como uma frente unificada para construir o futuro da República.

Havia muitos “Brasis” regionais, afastados dos grandes centros urbanos que vivenciavam os processos de urbanização e industrialização, com demandas próprias. Durante o período denominado como República Velha, vivenciado pela viajante, eclodem movimentos em diversas localidades devido a distância entre as demandas dos Estados mais afastados e as ações do governo central, findados muitas vezes através do uso da força. Porém, Marie Wright enxerga o Brasil como um país detentor de uma união de interesses, caminhando em uníssono rumo ao progresso de forma pacífica. Para a viajante, “The inauguration of the republic of Brazil without bloodshed or serious disturbance

---

<sup>12</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. et al. *História do Brasil nação: 1808-2010, Volume 3: A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. pp.21

<sup>13</sup> Ibidem, pp.27.

<sup>14</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.63.

<sup>15</sup> FAUSTO, Boris. *Brasil: La Primera República, 1889-1930*. In. CONDE, Roberto Cortês. et al. *História de América Latina, 1870-1930, Volume 10*. BETHELL, Leslie (Org.). Barcelona: Editora Crítica. pp.422.

most brilliant events in the history of the world”<sup>16</sup>. A mesma compara o processo revolucionário brasileiro com o francês, exaltando o primeiro e apontando a violência envolvida no segundo, indicando o Brasil como um exemplo a ser seguido pelos países de revolução. Porém, desde a proclamação, a ameaça de uma guerra civil era visível, tendo as revoltas de marinheiros entre 1891 e 1892 e a Revolução Federalista (1893-1895) como dois exemplos de conflitos que emergiam nos primeiros anos do novo regime<sup>17</sup>. O poder central e os poderes regionais entravam em confrontos constantes, gerando um clima de conflitos sociais em diversas regiões do país, embora não sejam focalizados nas obras da viajante. Em comparação com a construção da república nos Estados Unidos, Marie Wright coloca que “[...] Brazil never quite reached the measure of folly and mis-government that characterized the early days of American Independence, when the United States were said to be ‘drifting toward anarchy’ and the currency had lost its purchasing power”<sup>18</sup>.

Marie Wright registra que percorreu os sertões brasileiros em seu livro sobre a Exposição Nacional e procura acentuar o potencial produtivo das regiões até então mais afastadas, inserindo-as no futuro progressista que a mesma acreditava ser o destino brasileiro. O projeto de modernização e progresso era aplicado nas cidades com maior poderio econômico, enquanto as demais permaneceram nas margens dos intentos políticos. Os militares, articuladores do golpe responsável pela proclamação da República, voltaram-se para o lema “ordem e progresso”, tornando visíveis as intenções da busca pela manutenção da unidade nacional sobre os princípios tidos por eles como os de ordem e, em segundo lugar, visando o progresso, encabeçado pelas políticas sanitárias, de urbanização e industrialização, além de maior abertura ao comércio com outros países. Uma das maiores mudanças ocorridas principalmente nos grandes centros urbanos foi a industrialização, impulsionada no final do século XIX. Marie Wright, em suas obras, afirma constantemente a potencialização das indústrias na América Latina e o avanço do desenvolvimento tecnológico na mesma. Emília Viotti coloca que a industrialização no final do século XIX cresceu exponencialmente, mais do que triplicando na década após

---

<sup>16</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.79.

<sup>17</sup> MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. et al. *História do Brasil nação: 1808-2010, Volume 3: A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. pp.95-96.

<sup>18</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.99.

1874, principalmente devido a expansão do mercado internacional e das exportações<sup>19</sup>. A exemplificação de demonstração do poder público e tecnológico no início do século XX pode ser vista na construção dos pavilhões da Exposição Nacional, nos quais foram instaladas redes elétricas e as tecnologias sanitárias mais avançadas, buscando afirmar a modernidade do país.

Marie Robinson Wright adentra a América Latina iniciando seu percurso no México, no final do século XIX, terminando sua trajetória no Brasil no início do século seguinte. A viajante parte do pressuposto de que há uma falta de conhecimento sobre as sociedades latino-americanas, confirmando seu posicionamento ao longo de seus caminhos. Desta forma, o objetivo de suas viagens seria produzir obras capazes de levar aos estadunidenses conhecimento acerca das sociedades dos países vizinhos, utilizando uma linguagem acadêmica, porém com traços da literatura de viagem. Na concepção de Carla Paulino, os viajantes estadunidenses, ao realizarem comparações entre seu país e os demais da América do Sul, buscam legitimar uma ideia de superioridade de seus modelos<sup>20</sup>. Marie Wright realiza suas viagens com o intento tanto de conhecer a América Latina quanto de transmitir conhecimento sobre a mesma, levando consigo o repertório tanto de viagens anteriores quanto de seu país natal. Porém, percebe-se que, ao longo de suas obras, a viajante busca destacar o potencial de crescimento dos países latino-americanos, comparando-o ao avanço estadunidense, não focalizando em acentuar uma superioridade estadunidense. Ao adentrar um Brasil recém republicano, a autora acompanha as modificações geradas pela passagem do Império para República, especialmente com relação a propostas de união internacional. Porém, ao longo de sua escrita, a mesma acaba por trabalhar o decorrer do processo de formação do Estado nacional brasileiro, acentuado na passagem para um regime republicano.

Um dos maiores marcos do final do século XIX e início do XX é a transição da monarquia para a República, trabalhada nos primeiros capítulos da obra “The New Brazil”, evidenciando o processo de formação do Estado-nação no país. Os termos “nação” e “nacionalismo” são recorrentemente utilizados por Marie Wright em suas obras, embora a mesma não forneça uma definição concreta para ambos. Percebe-se, ao

---

<sup>19</sup>COSTA, Emilia Viotti da. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. 9<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010. pp.259-261.

<sup>20</sup> PAULINO, Carla Viviane. *Os relatos de viagem do século XIX como fontes históricas para a prática do ensino de História da América: algumas considerações teórico-metodológicas*. Fronteiras e Debates, Macapá, v.3, nº2, jul/dez de 2016, pp.118.

longo das obras da viajante, a constante referência a existência de uma nação, especialmente ao pensar na proclamação da República no Brasil como um destino já traçado para o país. Parte dos objetivos da nação que se construía era a melhoria das relações com outros países, afirmando seu potencial. Desta forma, mostra-se necessária uma conceitualização da noção de “nação” em seus diversificados processos, a partir de uma relação com a teoria modernista e tradicionalista, Marie Wright pertencendo a segunda corrente. Na introdução de “The Roots of Nationalism”, Lotte Jensen apresenta a dicotomia teórica “[...] between ‘modernists’, who regard the nation as a quintessentially modern political phenomenon, and ‘tradicionalists’, who believe that nations began to take shape long before the advent of modernity”<sup>21</sup>. A visão tradicionalista, presente na obra de Marie Wright, concebe os períodos anteriores a modernidade como detentores de um protótipo de nação e na existência de um senso de identificação nacional já presente. É a partir desta ideia de nação que a viajante constrói as obras sobre a América Latina, concebendo o processo de formação nacional como um destino já traçado e cultivado anteriormente ao século XIX, possuindo um passado imemorial.

Porém, no século XX, uma corrente divergente de teorias sobre a formação da nação ascende, a modernista, conflitando com as tradicionalistas. Pertencem a teoria modernista autores como Eric Hobsbawm, Ernest Gellner e Benedict Anderson. De acordo com Eric Hobsbawm, o termo “nacionalismo” sofreu uma drástica mudança tanto política quanto ideológica ao longo da denominada era dos impérios, adquirindo uma noção de um conjunto de movimentos pela causa nacional e o direito a formação de um Estado independente e soberano<sup>22</sup>. Para o mesmo, a base do nacionalismo também envolve um fator emocional, ligando uma sociedade ao sentimento de pertencimento a um território específico, sendo um termo posteriormente atrelado as direitas políticas. Ademais, para Ernest Gellner, o nacionalismo não era produtor de modernidade, mas um produto da mesma, funcionando estrategicamente dentro uma ordem social moderna<sup>23</sup>. Inaugurando uma concepção modernista de nacionalismo, Gellner concebe este como sendo fabricado na modernidade, não inato e produto da transição para a fase da industrialização. Com

<sup>21</sup> JENSEN, Lotte. et al. *The Roots of Nationalism: National identity formation in early modern Europe, 1600-1815*. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2016. pp. 10.

<sup>22</sup> HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp. 224.

<sup>23</sup> BREUILLY, John. In. GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. 2<sup>a</sup>ed. Nova Iorque: Cornell University Press, 2006. pp.XX.

relação a nação, o autor a concebe como um espaço no qual os indivíduos compartilham de valores culturais e se reconhecem como pertencentes a mesma<sup>24</sup>.

Mesmo entre os modernistas existe uma dificuldade em estabelecer um conceito único para a série de complexos processos de formação de uma nação. Benedict Anderson propõe a seguinte definição de nação: “[...] uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.”<sup>25</sup>. Embora sem uma conceitualização definida, Eric Hobsbawm apresenta o Estado-nação como “uma certa forma de Estado territorial moderno”<sup>26</sup>. A nação atendia a um propósito dos próprios indivíduos, preenchendo um vácuo deixado pela decadência das noções mais tradicionais de comunidade, além de uma demanda do próprio Estado, tornando-se a religião cívica do mesmo e uma forma de agregar e unir os cidadãos<sup>27</sup>. A crise do liberalismo vivenciada na década de 1870, culmina em um novo cenário internacional, levando a uma ascensão do nacionalismo a partir da visão de uma ameaça nos demais Estados nacionais. Marie Wright não fornece ao leitor uma definição de nação devido a noção da mesma como um processo natural do curso histórico, assumindo que o seu público alvo possui em si uma ideia já consolidada sobre o termo por fazer parte intrínseca de sua identidade. Isto pode ser entendido como apontado por Ernest Gellner, colocando que “[...] the idea of a man without a nation seems to impose a far greater strain on the modern imagination”<sup>28</sup>. Desta forma, a ideia de nação é constituída pela viajante de forma naturalizada e teleológica, inerente ao indivíduo, previamente entendida e assumida, seguindo a corrente tradicionalista vigente na época.

Com relação a passagem para o Estado nacional no Brasil, durante a época do Império, percebe-se que:

“Os brasileiros se distinguiam [...] não por pertencerem a uma nova nação, pois a nação que se constituiu imediatamente após a independência era restrita aos brancos e proprietários. Os brasileiros de então distinguiam-se pelo fato de

<sup>24</sup> GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. 2<sup>a</sup>ed. Nova Iorque: Cornell University Press, 2006. pp.6-7.

<sup>25</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. 2<sup>a</sup>ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp.32.

<sup>26</sup> HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. Maria Celia Paoli; Anna Maria Quirino. 6<sup>a</sup>ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013. pp.18.

<sup>27</sup> HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp. 233.

<sup>28</sup> GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. 2<sup>a</sup>ed. Nova Iorque: Cornell University Press, 2006. pp.6.

serem súditos de um soberano em comum, não mais o rei de Portugal, mas o Imperador do Brasil”<sup>29</sup>.

Como dito por Hobsbawm, “[...] o modelo de Estado-nação liberal-constitucional não estava confinado ao mundo 'desenvolvido'. De fato, o maior contingente de Estados operando teoricamente segundo esse modelo, em geral o modelo federalista americano mais que a variante centralista francesa, seria encontrado na América Latina”<sup>30</sup>. A passagem para a República no Brasil marca uma importante etapa no processo de formação do Estado Nacional, passando a legitimar-se a partir de um conjunto ideológico diferenciado. Embora Marie Wright não defina em suas obras o conceito do termo nação, utilizado largamente pela mesma, ele se apresenta teleológico, voltado ao cumprimento de um destino republicano e liberal com os Estados Unidos. Na visão tradicionalista da viajante, da mesma forma que a nação germina desde o período colonial seguindo um destino traçado pela providência, também caminhava rumo a um destino futuro voltado ao progresso e o avanço. Para que este se concretizasse, o Brasil deveria manter-se unido territorialmente, de maneira semelhante ao processo de integração nos Estados Unidos a partir da unificação de territórios dispersos à União, ao contrário das demais repúblicas na América Latina que acabaram se fragmentado, sendo a permanência da unificação um fator de destaque para Marie Wright como sinônimo do sucesso da instauração da República.

A manutenção de um sistema centralizado em uma monarquia atendia aos interesses pela permanência da integridade territorial, impondo uma barreira a possível fragmentação do país, como havia ocorrido no restante da América Latina. A estrutura política do Antigo Regime, embora alterada com o fim da monarquia no país, permaneceu em seus âmbitos mais profundos, mantendo a ordem social e as elites dominantes no poder apesar da República. Desta forma, a passagem de um sistema político para outro representou uma significativa mudança, mas não uma revolução, pois a ordem vigente no Antigo Regime permanecera operando sob as mesmas bases no republicano, mantendo as elites oligárquicas no poder, uma estrutura social racista e elitista e o controle político voltado aos benefícios das classes dominantes. As oligarquias rurais permaneceram detendo poder tanto nacional quanto regional, as classes médias impulsionadas pelos

<sup>29</sup> SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa: O Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. pp. 39.

<sup>30</sup> HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp.43.

ideais capitalistas ascendiam e as classes trabalhadoras, incluindo os escravizados libertados após 1888 e os imigrantes recém chegados, permaneciam sendo exploradas.

Porém, ocorre uma passagem para um Estado burguês, voltado a manutenção do sistema capitalista e ao incremento do comércio, tornando-se benéfica uma nova abordagem de relações exteriores no intuito de impulsionar o mercado brasileiro e sua valorização no cenário internacional. Na visão tradicionalista de nação de Marie Wright, o cumprimento do destino do Brasil, sendo este a formação da República e o avanço econômico, envolve uma série de eventos necessários cuja participação no processo histórico se mostra vital. Dentre eles encontra-se a aproximação com os Estados Unidos e o estabelecimento de melhores relações exteriores, exercendo um papel essencial na construção dos objetivos almejados pela República para o país no futuro. A busca pela melhoria das relações com os Estados Unidos evidencia a aceitação do mesmo como condutor da civilização no novo século e a tentativa de situar o Brasil dentro do cenário político capitalista na transição do século XIX para o XX. Para a viajante, caminhar conjuntamente aos estadunidenses era a forma certeira de se mover rumo ao progresso ao qual o Brasil se destinava.

Para Luís Claudio Villafaña, a elite brasileira durante o Império se mostrava contrária a ideias e propostas interamericanas devido a manutenção de um regime político monárquico com ligações lusitanas. Sendo o único país monárquico nas Américas, o Brasil mostrou-se resistente a propostas de união e aproximação com os países vizinhos que vivenciavam regimes políticos diferentes. Pensar a partir dos ideários republicanos e “Integrar -se a eles seria pôr em risco a própria essência de sua identidade”<sup>31</sup>. Ao mencionar o termo “interamericano”, Villafaña aponta que se refere a um conjunto heterogêneo de ideias e propostas que buscavam a consolidação de uma união e um vínculo entre os países latino-americanos no século XIX, voltado a criação de uma rede de cooperação continental. As conferências interamericanas foram realizadas durante o período do Império e podem ser encaixadas em duas vertentes: a bolivariana e a monroísta. A primeira, seguindo os princípios elaborados por Simón Bolívar, buscava uma união latino-americana a partir de uma identidade comum, enquanto a segunda, direcionada pelos valores estipulados pelos Estados Unidos, incentivava uma noção de

---

<sup>31</sup> SANTOS, Luís Cláudio Villafaña G. *O Brasil entre a América e a Europa: O Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. pp.28.

união americana tendo os estadunidenses como líderes<sup>32</sup>. O monroísmo se posicionava contra a interferência europeia na América Latina, mas o governo estadunidense passaria a formular melhor seus intentos a partir do Pan-americanismo. Dentre as muitas propostas trabalhadas nas conferências interamericanas, a possibilidade de uma união com os demais países latino-americanos foi a que encontrou maiores barreiras no governo brasileiro, indo contra os valores que conferiam identidade ao Brasil imperial. “Identificado com a ideia de civilização europeia, ele via na anarquia que projetava nas repúblicas vizinhas o ‘outro’ que confirmava sua identidade”<sup>33</sup>. A ideia de uma cooperação na América Latina poderia influir contra a manutenção de privilégios, como as rotas de navegação, e dos interesses da elite brasileira, como a manutenção da escravidão no país.

Uma das grandes mudanças operadas pelo regime republicano que o divergiam do período imperial, a ser estudada nesta monografia, ocorreu nas diretrizes das relações exteriores. Na passagem do século XIX para o XX os Estados Unidos ascendem como uma nova potência mundial e, ancorados pela Doutrina Monroe e o Pan-americanismo, buscam maior proximidade com os demais países americanos. Devido aos benefícios econômicos da manutenção das relações com os estadunidenses e a visão dos mesmos como exemplos de civilização moderna nas Américas, o Brasil passa a empenhar-se no estabelecimento de melhores relações com os Estados Unidos. Na busca por apresentar-se como um futuro potencial e afirmar sua inserção no contexto capitalista, o Brasil volta seus empenhos para ocorrência de uma Conferência Pan-Americana no país em 1906. Diversas pautas são levantadas sobre uma possível união das Américas durante as Conferências Pan-Americanas, tendo a viajante Marie Wright vivenciado e reproduzido em sua obra “The New Brazil” os acontecimentos na Conferência.

Com a falha do projeto de Simon Bolívar, a liderança do interamericanismo passa para os Estados Unidos, dando início ao processo de construção do Pan-americanismo. A noção de união continental adquiria novas faces frente a liderança estadunidense, sendo “[...] introduzido adicionalmente um importante enfoque econômico com a tentativa de criação de uma união aduaneira de dimensões continentais”<sup>34</sup>. O interesse estadunidense pelos países vizinhos demonstrava seu receio de uma possível intervenção europeia nos

---

<sup>32</sup> Ibidem, pp.69.

<sup>33</sup> Ibidem, pp.101.

<sup>34</sup> Ibidem, pp. 63.

conflitos latino-americanos bem como o aumento de sua industrialização, necessitando ampliar seus mercados compradores. Ao longo do século XIX, diversas Conferências foram realizadas na América Latina, dentre elas as interamericanas, sendo: Panamá (1826), Lima (1847-1848), Santiago (1856), Washington (1856), Lima (1864-1865) e Washington (1889-1890). As pautas mais discutidas na época do Império envolviam as fronteiras, comércio, rotas marítimas e escravidão. Ao contrário dos demais países latino-americanos, ao dar continuidade a um sistema monárquico, além de reafirmar e beneficiar as relações coloniais, o Brasil acaba por perpetuar uma proximidade com o sistema político europeu. Com relação as tentativas de aproximação iniciadas por Barão do Rio Branco, “A definição da política externa republicana influiu na construção da identidade do país e refletiu na consolidação do Barão como um dos ‘pais fundadores’”<sup>35</sup>. A abertura brasileira a novas relações é retratada na Exposição Nacional de 1908, buscando afirmar a diversidade produtiva do país aos demais, e na III Conferência Pan-Americana sediada no Rio de Janeiro em 1906.

O final do século XIX marca um período de mudanças tanto no cenário interno latino-americano quanto o externo. A partir de 1870 percebe-se uma modernização capitalista nos grandes centros urbanos na América Latina, impulsionado pela industrialização, a solidificação de uma classe proletária, o aumento demográfico e a expansão das relações com outros países<sup>36</sup>. O período entre 1870 e 1930 marca o incremento significativo no comércio brasileiro, especialmente devido ao aumento das exportações, gerando um atrativo para a entrada de capital estrangeiro e impulsionando os processos de urbanização, industrialização e a melhoria dos sistemas de comunicação. De acordo com Warren Dean, a República estimulou o avanço do princípio de associação, promoveu políticas para a dinamização do comércio exterior e beneficiou o avanço do capitalismo no Brasil<sup>37</sup>.

No contexto europeu do final do século XIX, as potências nacionais partilhavam a África e buscavam traçar um caminho similar na Ásia. Para Eric Hobsbawm, o mundo a

---

<sup>35</sup> SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O dia em que adiaram o carnaval: política externa e a construção do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. pp.190-191.

<sup>36</sup> BAGGIO, 1998. In. SILVA, Gabriela Correa da. *Dos passados heterogêneos ao mosaico continental: pan-americanismo e operação historiográfica no IHGB republicano (1889-1933)*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019, Dissertação de Mestrado. pp.68.

<sup>37</sup> DEAN, Warren. *La Economía Brasileña*. In. CONDE, Roberto Cortês. et al. *Historia de América Latina, 1870-1930, Volume 10*. BETHELL, Leslie (Org.). Barcelona: Editora Crítica. pp.337.

partir de 1880 tornou-se genuinamente global<sup>38</sup>. Com o avanço das tecnologias de comunicação, das expedições a áreas remotas do globo e dos transportes o mundo tornava-se geograficamente menor. O desenvolvimento capitalista auxiliou a acentuar ainda mais a tradicional divisão entre os países considerados como avançados e os tidos como atrasados. Embora nas últimas décadas do século XIX a Europa simbolizasse o centro do desenvolvimento capitalista, os Estados Unidos avançavam, com seu ritmo acelerado de industrialização e acúmulo de capital, ao patamar de potência mundial. A industrialização estadunidense já havia sido iniciada na década de 1860, com a implementação das vias ferroviárias, impulsionada após a Guerra Civil especialmente nos territórios do Norte, nos quais as elites capitalistas concentravam em maior medida o acúmulo de capital<sup>39</sup>.

Os políticos estadunidenses, temerosos pelo avanço de outras potências imperiais, enxergam na rearticulação das relações exteriores a forma de incrementar o comércio, adquirir maior influência através da expansão de fronteiras, resolver rivalidades internacionais e se posicionar mundialmente como potência. A expansão de áreas de influência para além das linhas fronteiriças foi trabalhada inicialmente por James G. Blaine e Grover Cleveland nas últimas décadas do século XIX, iniciando o conjunto de ideias que formariam o Pan-americanismo. De acordo com Blaine, “[...] um sistema interamericano verdadeiramente funcional estava baseado no mito da existência, no hemisfério, de um potencial de comunidade de interesses genuína que a liderança norte-americana poderia tornar realidade”<sup>40</sup>. As políticas propostas pelos Estados Unidos refletiam os princípios da Doutrina Monroe para além das fronteiras do país, construindo discursos em defesa da disseminação de seus padrões civilizatórios e na realização do destino de seu povo: levar aos demais a forma verdadeira de governo. Ademais, a política do Big Stick, fator marcante no governo de Theodore Roosevelt, passa a guiar a intervenção estadunidense em diversos países na América Latina, especialmente nas regiões da América Central.

---

<sup>38</sup> HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp.29.

<sup>39</sup> JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado Nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. 2<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. pp.133-135.

<sup>40</sup> SMITH, Robert. In. SMITH, Robert Freeman. Os Estados Unidos e a América Latina, 1830-1930. In. *História da América Latina, Volume IV*. BETHELL, Leslie (Org.). Trad. Geraldo Gerson de Souza. 1<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. pp.617.

No campo intelectual, são realizadas discussões acerca da identidade latino-americana frente o avanço do império estadunidense e sobre as maneiras de adentrar a esfera de países considerados como “civilizados” para guiar o futuro nacional. Uma das vertentes intelectuais no Brasil que via a aproximação com um país que representava o modelo de república liberal, os Estados Unidos, como benéfica era composta por nomes como Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva, Euclides da Cunha, Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Artur Orlando, entre outros. Para os mesmos, o caminho para um futuro de prosperidade e progresso seria percorrido conjuntamente ao irmão estadunidense, este servindo como modelo a ser seguido pela recém proclamada república brasileira. A viajante Marie Robinson Wright se insere nesta vertente, enxergando um caminho conjunto para ambos os países, concretizando um destino comum. Ela visualiza um futuro de ascensão da América Latina como uma potência a partir da expansão das relações exteriores com os Estados Unidos.

O seu lugar social como uma viajante estadunidense leva a existência de recorrentes comparações entre o Brasil e os Estados Unidos presentes nas duas obras a serem analisadas, “The New Brazil” e “The Brazilian National Exposition of 1908”. A sua visão acerca do futuro do país visitado é diretamente influenciada por este lugar social, sendo que a viajante concebe o rumo do progresso da República brasileira conjuntamente com o de seu país, evidenciando uma noção de irmandade entre ambos. Os Estados Unidos liderariam o avanço tecnológico, técnico e civilizacional do século XX, mas, para a viajante, o Brasil caminharia ao seu lado como uma futura potência, especialmente com relação a área manufatureira. Uma das maiores mudanças no rumo político do país seria a busca pelo avanço das relações internacionais, modificando as diretrizes estabelecidas pelo Império. Desta forma, percebe-se que no lugar social como viajante e pesquisadora Marie Wright participa de diversos eventos oficiais na busca pela coleta de informações acerca dos intentos do governo brasileiro para o futuro, dentre eles a III Conferência Pan-Americana e a Exposição Nacional de 1908. Ambos detêm a atenção da autora devido a representarem as mudanças no cenário político e econômico que o governo republicano buscava afirmar, tanto com a aproximação com outros países quanto a afirmação do potencial produtivo do Brasil.

### 3- Biografia de Marie Robinson Wright e introdução às obras.

Nascida no dia 4 de maio de 1853 em Newnan, no estado da Geórgia, Marie Louise Robinson, posteriormente Marie Robinson Wright, filha de William A. e Sarah Ramie Robinson, foi criada por uma família detentora de grandes extensões de terra e recebeu educação letrada diferenciada com relação aos modelos educacionais impostos às mulheres sulistas. Devido a proeminência das plantações de algodão dentre as demais *commodites* na Geórgia, durante a metade do século XIX, sua família provavelmente enriqueceu através da venda e do comércio do mesmo. Sendo detentores de escravizados, Marie Wright cresceu rodeada pelas estruturas raciais producentes das marcas profundas do racismo no Sul dos Estados Unidos. O advento da Guerra de Secesão ou Guerra Civil Norte Americana (1861-1865) marca sua família e os demais sulistas, sendo descrita como “[...] an exercise that began with the fervor and religiosity of a holy crusade and ended in futility, devastation, despair, and ultimately total defeat”<sup>41</sup>. O Sul havia iniciado uma campanha política e militar em defesa da manutenção da escravidão no país por ser a principal fonte de mão de obra nas plantações e por auxiliar na competição internacional pelo mercado de algodão. Com a vitória do Norte, o estado da Geórgia, do qual aproximadamente 125.000 homens lutaram<sup>42</sup>, encontrava-se em decadência econômica devido a perda de infraestrutura e a consecutiva falência dos latifundiários após a abolição da escravidão. Percebe-se, pela leitura de suas obras, que a viajante se mostra veemente contra a instituição da escravidão, fator que poderia ter causado conflitos com sua família.

A produção da Constituição, o culto aos *founding fathers*, a invasão e anexação de novos territórios e, posteriormente, a gradual abolição da escravatura após a vitória do Norte na Guerra Civil, formam as bases para o patriotismo estadunidense, edificado na noção de que seriam “[...] um povo eleito com uma missão a realizar e destino a cumprir”<sup>43</sup>. A família e o marido de Marie Robinson Wright, Hinton P. Wright, perderam inúmeras quantias de terras nos períodos posteriores a guerra. Após a morte deste, tornando-se viúva aos 23 anos, Marie Wright, já deserdada pela família após seu marido assassinar um de seus irmãos em um duelo, se deparou com a necessidade de obter um meio de subsistência para seus dois filhos.

---

<sup>41</sup> SULLIVAN, Buddy. *Georgia: a state history*. Charleston, Carolina do Sul: Arcadia Publishing, 2010. pp. 87

<sup>42</sup> Ibidem, pp.87.

<sup>43</sup> JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado Nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. 2<sup>ª</sup>ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018, pp.69.

A busca por trabalho a levara à revista *Sunny South* (1875-1907), trazendo consigo a proposta de realizar viagens para angariar materiais para assinaturas e tornar-se correspondente internacional, enviando escritos sobre a América Latina<sup>44</sup>. Iniciar seus empreendimentos como escritora para uma revista permitiria a legitimação de sua viagem. Seu sucesso no âmbito jornalístico culmina na oferta para o trabalho como escritora no jornal “*New York World*” por meio das viagens à América Latina. Sua jornada por diversos países latino-americanos durou um total de 15 anos<sup>45</sup>. Entre 1875 e 1914 houve um aumento significativo no público leitor devido ao avanço dos níveis de alfabetização, acarretando em um impulso no mercado literário<sup>46</sup>. Desta forma, percebe-se um dos fatores que podem ter auxiliado no desejo da viagem de produzir obras que trouxessem maior conhecimento sobre a América Latina para o público estadunidense, havendo um aumento no público leitor tanto no âmbito jornalístico quanto para a literatura de viagem.

Enquanto trabalhava como correspondente, Marie Wright se propõe a escrever uma obra capaz de englobar a história geral do México e que permitisse a visualização de um panorama geral a partir um amplo recorte temporal. Sobre a confecção da sua primeira obra, *Picturesque Mexico*, a viajante afirma que:

“[...] that in offering this book I am giving the public not only the most complete book ever written about this wonderful country, but also ample evidence that two American ladies may travel anywhere and everywhere in Mexico sure of meeting with nothing but courtesy, respect and the kindest attention”<sup>47</sup>.

Marie Wright leva consigo nesta viagem, como intérprete, sua filha, Ida Dent Wright. Durante sua estadia, obtém diversas fotografias e ilustrações, além de realizar inúmeros contatos através de seu conselheiro e amigo, o nova-iorquino Major Robert B. Gorsuch. Seu maior êxito no jornal é atrelado a um artigo sobre os recursos e desenvolvimento do México, sendo compensada com uma soma de dinheiro do governo mexicano como financiamento, sendo esta uma forma de obtenção de renda ao longo das viagens e uma motivação para tornar-se escritora. Marie Wright viaja ao lado da filha a locais como México e El Salvador, embora não existam comprovações de sua vinda conjunta ao

<sup>44</sup>WILLARD, Frances Elizabeth. *Women in unusual paths*. In: *Occupations for women: a book of practical suggestions for the material advancement, the mental and physical development, and the moral and spiritual uplift of women*. Cooper Union, New York: The Success Company, 1897. pp. 331.

<sup>45</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *Picturesque Mexico*. Philadelphia: J.B. Lippincott Company, 1897. pp. X.

<sup>46</sup> HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp.402.

<sup>47</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *Picturesque Mexico*. Philadelphia: J. B. Lippincott Company, 1897. pp.15

Brasil. Durante sua primeira viagem ao México, Marie Robinson Wright foi citada no processo de divórcio de John P. Huntley, nos Estados Unidos, sendo acusada de influenciar negativamente a esposa do mesmo, levando a necessidade da separação<sup>48</sup>. O processo tornou-se notícia em Atlanta, na Geórgia, no dia 2 de maio de 1896, após o juiz Lumpkin conceder o divórcio ao marido. Huntley acusava Marie Wright de exercer influência negativa sobre sua esposa, mantendo uma amizade contra a vontade do mesmo. A senhora Huntley teria chegado a deixar a casa com a finalidade de visitar a viajante no México.

Acerca dos feitos e trajetos realizados pela viajante tem-se documentado somente uma entrevista concedida a um jornal do Kansas sobre seu percurso no México. De acordo com a matéria de 1897, “Two Brave women”, do jornal “The Topeka Daily Capital”<sup>49</sup>, Marie Robinson Wright teria percorrido 10.000 milhas ao longo do território mexicano, sendo 1000 sob mula e o restante a pé, barco e trem. A autora Alice Ives aponta: “Probably no woman who ever lived has seen Mexico so thoroughly as Marie Robinson Wright”<sup>50</sup>. Na entrevista, conta-se que a viajante havia passado cerca de um ano explorando diversas regiões mexicanas após experiências em viagens na América do Norte e Europa. Marie Wright aponta que desejava viajar pelos locais mais desconhecidos, vivenciando caminhos ainda não percorridos, tornando-se capaz de visualizar a vida cotidiana da população e os recursos disponíveis no país:

“I wanted”, said Mrs. Wright, “to go through the unbeaten paths, the places not usually visit by tourists [...] I think”, she added, smiling, “that being pushed and held on the backs of mules up steep rocky roads, and carry across streams on the shoulders of Indians, have given me about enough of those ‘unbeaten paths’. Still, I wouldn’t hesitate to do it again to be so well repaid by interesting experiences”<sup>51</sup>.

Durante o restante da entrevista, Marie Wright exprime a crença de que, junto de sua filha, elas haviam sido as primeiras mulheres a percorrerem a região de Jalisco, na região Oeste do México. De acordo com a viajante, é possível uma mulher viajar sozinha de um lado a outro na América Latina sem os incômodos frequentemente encontrados em locais turísticos visitados pela elite, como a cidade de Paris. Isto provavelmente se devia ao fato de que em zonas menos urbanizadas e com um grau de desenvolvimento menor,

<sup>48</sup> Her love grew less: Dr. P. Huntley Secures Permanent Divorce by Final Decree, Marie Robinson Wright in it. The Atlanta Constitution, 2 de maio de 1896.

<sup>49</sup> IVES, Alice E. *Two brave women: Travelled alone one thousand miles on horseback through Mexico*. The Topeka Daily Capital. Topeka, Kansas, pp.6, 7 de setembro de 1897.

<sup>50</sup> Ibidem, pp.6.

<sup>51</sup> Ibidem, pp.6.

a sua condição como mulher letrada e estadunidense conferia uma posição privilegiada que a mesma não encontraria ao viajar sozinha pela Europa. A visão do feminino elaborada por Marie Wright diverge da imagética tradicional do século XIX, em que a mulher é tida como fraca, passiva e muitas vezes invisível. Como coloca Emília Viotti, “[...] pela obra de viajantes, romancistas, juristas, religiosos, moralistas e até médicos fixava-se uma imagem da mulher frágil e indefesa, ignorante, submetida ao poder patriarcal...”<sup>52</sup>. Ao afirmar sua crença de que quaisquer mulheres poderiam viajar pelas Américas e tornarem-se viajantes e exploradoras, Marie Wright formula a imagem de uma nova mulher, contrária a noção patriarcal tradicional de pertencimento ao ambiente doméstico e de fragilidade. Alcançando reconhecimento dentre os ocupantes de altos cargos governamentais, Marie Wright obtém escoltas militares durante seus trajetos, além de vagões especiais em trens, com permissão para livre locomoção. De acordo com Francis Willard, “[...] Mrs. Wright and her daughter went nearly nine hundred miles in mountain regions, on mules, attended by military escort, and penetrating regions where none but native women have ever been seen”<sup>53</sup>.

A viajante receberia adiante um convite do governo da Costa Rica para a produção de uma obra similar a realizada no México. Marie Wright parte para demais localidades, dentre elas o Peru, Bolívia, Chile e Brasil, produzindo obras sobre 6 países latino-americanos. Nestes conseguiu ingressar em Institutos Históricos e Geográficos, produzindo livros de história por meio dos incentivos financeiros necessários e acesso aos arquivos. A viajante chegou ao Brasil no ano de 1899, acompanhada de sua secretaria, senhorita Hartman tendo sua residência acomodação oferecida pelas companhias ferroviárias e de navegação<sup>54</sup>. Dentre as muitas residências que a viajante pode ter ocupado durante as viagens dentro do Brasil, somente o Rio de Janeiro e São Paulo podem ser afirmadas com maior certeza, sendo a primeira, descrita por Marie Wright como a capital mais surpreendente do mundo<sup>55</sup>, é comparada em “The New Brazil” com as belezas de Roma e Bizâncio. A viajante percorreu do Amazonas e o sertão até o Sul do

<sup>52</sup>COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. 9<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010. pp.495.

<sup>53</sup> WILLARD, Frances Elizabeth. Women in unusual paths. In: *Occupations for women: a book of practical suggestions for the material advancement, the mental and physical development, and the moral and spiritual uplift of women*. Cooper Union, New York: The Success Company, 1897. pp. 331.

<sup>54</sup> The Brazilian Review: a weekly record of trade and finance. Rio de Janeiro: v.2, nº32, 8 de maio de 1899, pp. 515.

<sup>55</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.129.

Brasil, passando nas principais capitais, denominando o país como o “Colosso do Sul”<sup>56</sup>. Durante sua residência no país produziu dois livros: “The New Brazil” (1907) e “The Brazilian National Exposition of 1908” (1908) e um artigo “The Falls of Iguazu” (1906).

A primeira obra sobre o Brasil escrita por Marie Robinson Wright, “The New Brazil”, é repartida em 35 capítulos e contém aproximadamente 416 ilustrações, tendo englobado todos os estados com exceção do Tocantins, Rondônia e Amapá, além de temáticas culturais consideradas relevantes para a autora, como literatura, arte, produção cafeeira e igrejas. A viajante utiliza como base para a escrita da obra uma série de “fatos históricos” consagrados, atentando-se a datas marcantes e a periodização tradicional, refletindo as influências da historiografia concretizada pelos Institutos Históricos e Geográficos e a visão positivista dos processos históricos. A obra foi escrita em homenagem ao centenário da abertura dos portos brasileiros às nações amigas, em 1808, marco da quebra do monopólio português sobre o comércio da colônia, do início da modernização e abertura do país às relações internacionais. Marie Wright exprime a existência de um espírito progressista que se apodera do caráter nacional, justificando o título da obra:

“The development of an essentially modern spirit of progress and enterprise, which has placed the people of Brazil in the front rank among the leading powers of the New World, and which so dominates the national life at the present moment that every part of the vast republic is responding to its stimulating influence, shows an awakening to new conditions and a realization of larger responsibilities such as necessarily distinguish a great nation thoroughly aroused to the importance of its high destiny. It is this spirit which has created the new Brazil.”<sup>57</sup>

Marie Wright coloca, no último capítulo de “The New Brazil” a necessidade do olhar estrangeiro não se mostrar preconceituoso sobre o outro, assim como não julgar o diferente como errôneo, mas compreender as particularidades do local no qual se encontra, incentivando um olhar diferenciado e mais compreensivo acerca dos hábitos e costumes de países estrangeiros:

“The foreigner in Brazil observes many customs that are different from anything seen at home. Sometimes he counts them as defects, criticising only from one point of view, and failing to recognize that the differences due to

---

<sup>56</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The Brazilian National Exposition of 1908: In celebration of the centenary of the opening of brazilian ports to the commerce of the world by the Prince Regent Dom João VI of Portugal, in 1808*. Philadelphia: George Barry & Sons, 1908. Forgotten Books: classic reprint series. pp.3.

<sup>57</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>ª</sup>ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907, pp. 13.

national characteristics are not necessarily faults, either in the Latin or the Anglo-Saxon”<sup>58</sup>.

Em 1901, Marie Wright torna-se membro oficial do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sendo a segunda mulher a fazer parte da instituição desde sua fundação. O mesmo configura o que Michel de Certeau define como “instituição do saber”, sendo esta um “[...] lugar deixado em branco ou escondido pela análise que exorbitou a relação de um sujeito individual com seu objeto...”<sup>59</sup>, um local de produção cujos interesses influenciaram diretamente a escrita da obra “The New Brazil”. Além deste Instituto, a viajante também adentrou a Geographical Society of America, A Sociedade Geográfica do Brasil e a Sociedad Geographica de La Paz. Porém, apesar de seu caráter regionalista e a manutenção de certa autonomia, o Instituto seguia as correntes teóricas disseminadas pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, este envolvendo a maior parte dos autores estrangeiros. Fundado em 1838, o IHGB tinha como função primordial a consolidação de uma historiografia nacional e singular a partir de bases documentais, afirmando-se como um espaço voltado para a escrita oficial da história da nação. Construir uma história nacional mostrava-se como uma necessidade para a elite intelectual e imperial desde a independência, buscando afirmar uma historiografia totalizante e homogênea em um país marcado pelo regionalismo. Para isto, de acordo com Lilia Moritz, os mitos fundadores, a heroicização romântica e a ordenação cronológica eram instrumentos para a construção do indivíduo nacional e de “[...] um programa de sistematização de uma história oficial”<sup>60</sup>.

No ano de 1906, Marie Robinson Wright publica um artigo na revista *National Geographic*, denominado “The Falls of Iguazu”<sup>61</sup>, no qual Marie Wright expõe que, com exceção da vista das ruínas do Império Inca, não existiria nenhum outro local na América do Sul em que beleza natural e interesse histórico se unissem de tal forma. Para chegar no local, a viajante coloca que o indivíduo deve enfrentar os pampas, os inúmeros insetos, a falta de alojamento e a fadiga de dias de andança. A volta, em comparação, pode ser feita de trem para a cidade de Posadas, na Argentina, em duas semanas. Para a autora, a natureza brasileira formava um espetáculo natural sem precedentes quando

<sup>58</sup> Ibidem, pp.492.

<sup>59</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3<sup>ª</sup>ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. pp.51.

<sup>60</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Os Institutos Históricos e Geográficos: “guardiões da história oficial”. In: *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, pp. 99.

<sup>61</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The Falls of Iguazu*. The National Geographic magazine, Washington, vol. 17 (1906). pp. 456-460.

comparada com as cidades em modernização, cercada por uma natureza selvagem ou *wilderness*. Neste artigo faz-se uma menção religiosa que, em conjunto com a fala sobre Jesus como seu guia na entrevista ao Topeka Daily Capital, comprova o catolicismo como religião oficial de Marie Wright. Para a mesma, os jesuítas teriam ensinado as artes da civilização aos indígenas, tidos como selvagens, permitindo que estes construíssem as instalações das missões e permitindo que permanecessem em bom estado de conservação apesar dos séculos.

A viajante apresenta sua crença na existência de um caráter brasileiro, detentor de um “espírito de independência” que resultaria, em seu auge, na formação da República. Como colocado por Michel de Certeau, “A história moderna ocidental começa efetivamente com a diferenciação entre o presente e o passado.”<sup>62</sup> De forma similar, os contemporâneos, a partir de seu almejo constante pelo progresso científico e o suposto progresso civilizacional que o acompanharia, colocam-se como pertencentes a um tempo à frente, separando-se de um passado indesejado para caminhar rumo a um futuro progressista. No caso do Brasil e dos Estados Unidos da América, ambos estudados neste trabalho através de “The New Brazil” e “The Brazilian National Exposition of 1908”, a consolidação de um sistema republicano, os constantes incentivos à industrialização e a solidificação de uma burguesia especulativa sustentam o terreno para o florescimento de um culto ao progresso. Este, a partir de uma noção teleológica, constitui o fio condutor das obras, em que a República apresenta, para Marie Wright, a esperança do cumprimento de um destino progressista.

A visão de Marie Wright em torno dos processos de independência e formação da República na obra ‘The New Brazil’ indica que ambos teriam se concretizado sem a presença de conflitos civis, expressando um desejo popular e uma conquista a ser celebrada mundialmente: “The inauguration of the republic of Brazil without bloodshed or serious disturbance must always be regarded as one of the most brilliant events in the history of the world”<sup>63</sup>. Desta forma, o Brasil serviria como exemplo de revolução pacifista, característica que a autora acredita pertencer a própria brasiliade. Sua tendência a constatar movimentos pacíficos na América Latina transcorre das consequências vividas pela viajante durante a decadência econômica e estrutural do Sul

<sup>62</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3<sup>ª</sup>ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, pp. XVI.

<sup>63</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>ª</sup>ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907, pp.79.

dos Estados Unidos após a Guerra Civil, efeitos imediatos na vida de Marie Wright. Porém, como os conflitos ocorridos na América Latina foram negados e mascarados pelos seus respectivos governos, a viajante concluiu que haveria um pacifismo latino-americano inexistente na América do Norte. Em sua obra “Picturesque Mexico” a mesma ressalta o espírito do empreendimento moderno como um sujeito ativo e independente, capaz de dominar o território e torná-lo sua posse. O mesmo espírito adentra o corpo tanto dos homens quanto das mulheres da nação, inserindo ativamente o público feminino no caminho para o progresso.<sup>64</sup>

De forma semelhante, em “The New Brazil”, Marie Robinson Wright insere personagens cuja existência fora historicamente comprovada ou não, como constituintes do espírito de libertação nacional que formaria o caráter brasileiro. Porém, a autora vivencia uma dupla experiência cultural, sustentada pelo repertório cultural advindo de seu país de origem, os Estados Unidos da América, assim como o adquirido em suas viagens, compondo um caleidoscópio cultural diretamente refletido em sua obra. É perceptível, ao longo de seus escritos, sua crença na racionalização científica e no sistema republicano como meios ideais e essenciais para o progresso e avanço civilizatório. Isto comprova-se em sua aprovação dos termos incorporados à bandeira nacional em que há “[...] a máxima positivista: a Ordem por base e o Progresso por fim...”<sup>65</sup>. Marie Wright encontrava-se inserida, durante sua presença no Brasil, em “[...] uma batalha em torno da imagem do novo regime, cuja finalidade era atingir o imaginário popular para recriá-lo dentro dos valores republicanos.”<sup>66</sup>, sendo esse imaginário forma de legitimação do novo regime político. A experiência como viajante modifica seu lugar social, havendo um deslocamento hierárquico, resultando em maiores possibilidades de legitimação de sua obra na América Latina, além de financiamentos e interações com indivíduos de altos cargos governamentais.

Com a publicação da primeira edição do livro “The New Brazil”, o jornal *The Brazilian Review* cita a obra da viajante apontando o possível sarcasmo utilizado pela mesma em determinas descrições e a necessidade de conceder certa licença poética a

---

<sup>64</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *Picturesque Mexico*. Philadelphia: J.B. Lippincott Company, 1897, pp. 17.

<sup>65</sup> PRIORI, Mary Del. Tempos de mudança e medo. In: *Histórias da gente brasileira, Volume 3: República: memórias (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Leya, 2017, pp.24.

<sup>66</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. pp.11.

mulher viajante<sup>67</sup>. Se referindo a Marie Wright e sua secretária, o jornal as descreve como duas mulheres indefesas e sem contatos que, pela determinação, conseguiram adquirir vasto conhecimento do país e de sua população. O livro conseguiu uma circulação em altos cargos governamentais, como exposto durante uma entrevista na qual um chanceler no Rio de Janeiro admite ter sido presenteado pelo ministro do interior, Gustavo Godoy, com o livro *The New Brazil*<sup>68</sup>. Embora Marie Wright tenha escrito suas obras durante o período em que esteve no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e tenha recebido incentivos governamentais para tal empreendimento, seus livros nunca chegaram a ser publicados no Brasil. Não foram encontrados documentos que comprovem as possíveis motivações pelas quais a viajante não publicou no país ou as razões que levaram ao governo brasileiro não distribuir seu livro sobre a Exposição Nacional como lembrança, como havia sido planejado. Porém, determinados aspectos na escrita da viajante podem ter divergido dos assuntos tradicionalmente desejados pela elite, como a inserção de mulheres indígenas como heroínas guerreiras e pontuações sobre a permanência do sistema escravista até o final do século XIX.

Na sua obra “The Brazilian National Exposition of 1908”, publicada em 1908, Marie Wright ressalta suas rotas no Brasil, viajando do Amazonas ao Rio de Janeiro, adentrando inclusive o sertão nordestino. A autora se mostra honrada por ter recebido o pedido de fornecer o livro de souvenir oficial da Exposição Nacional, evidenciando seu reconhecimento e financiamento governamental. Sua obra pode ser considerada como um livro propaganda<sup>69</sup>, porém não existem indícios de que tenha chegado a ser distribuída ou comercializada na Exposição Nacional, apesar do pedido de sua escrita. O livro possui 204 páginas e contém 102 ilustrações, sendo a maioria fotografias, algumas anteriormente presentes em seu outro livro, *The New Brazil*. A viajante aponta que as exposições tem como objetivo a unificação dos interesses nacionais e na promoção do desenvolvimento em geral. Para Marie Wright, a Exposição Nacional no Brasil é considerada como a celebração nacional mais importante da América Latina no século XX. Expondo o alto desenvolvimento econômico e político dos países latino-americanos, a viajante coloca que a Europa teria que abandonar as antigas concepções sobre a América Latina como

<sup>67</sup> The Brazilian Review: a weekly record of trade and finance. Rio de Janeiro: v.4, nº27, 2 de julho de 1901, pp.465.

<sup>68</sup> The Brazilian Review: a weekly record of trade and finance. Rio de Janeiro: v.9, nº19, 8 de maio de 1906, pp.393.

<sup>69</sup> SANTOS, Paulo Coelho Mesquita. *O Brasil nas exposições universais (1862 a 1911): mineração, negócio e publicações*. Campinas, UNICAMP, 2009, Dissertação de Mestrado. pp.29.

terra do amanhã pois a mesma pertencia agora as terras do hoje<sup>70</sup>. Ao trabalhar a diversidade produtiva do país em cada região, o avanço industrial e o progresso técnico na agricultura, a autora busca exaltar o futuro de ascensão que acredita estar reservado para o país. Assim, a Exposição Nacional teria um objetivo crucial de educar os Estados Unidos a apreciarem as verdadeiras riquezas da América do Sul.

Os três trabalhos sobre o Brasil publicados por Marie Wright são importantes documentos para a compreensão da visão estadunidense sobre o país e das relações internacionais entre os Estados Unidos da América e a América Latina. As obras da viajante divergem dos relatos de viagem tradicionais, incorporando uma linguagem da literatura de viagem, envolvendo visões pessoais, acompanhada de métodos e escrita objetivos com influência das correntes historiográficas dos Institutos Históricos e Geográficos. A sua circulação em espaços até então compreendidos como masculinos permitiu a viajante a visualização de eventos oficiais, acesso a arquivos e fotógrafos que possibilitaram a reunião de uma grande quantidade de informações sobre a história do Brasil durante sua permanência. Após a publicação das suas obras nos Estados Unidos e o fim de sua trajetória como membra do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a viajante retornou ao seu país de origem, vivendo em Nova Iorque até sua morte, em 1914.

---

<sup>70</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The Brazilian National Exposition of 1908: In celebration of the centenary of the opening of brazilian ports to the commerce of the world by the Prince Regent Dom João VI of Portugal, in 1808*. Philadelphia: George Barry & Sons, 1908. Forgotten Books: classic reprint series. pp.37.

#### 4- As relações exteriores entre o Brasil e os Estados Unidos no final do século XIX e início do XX.

Bernardo Ricupero apresenta três eixos principais para a aproximação dos Estados Unidos e o Brasil: a intersecção dos interesses entre a elite brasileira e a estadunidense, a inserção dos Estados Unidos aos objetivos nacionais brasileiros e a priorização das relações com os estadunidenses em detrimento do restante da América Latina<sup>71</sup>. O avanço na relação entre os dois países tinha como benefícios para a elite brasileira o incremento do comércio do café, o auxílio na definição de fronteiras com os demais países latino-americanos e o prestígio advindo com a aproximação com uma potência mundial. As relações entre ambos se intensificam com a nomeação de Joaquim Nabuco como ministro em 1906 e a instalação da embaixada brasileira nos Estados Unidos. O eixo mundial no século XX se modificava com a ascensão dos Estados Unidos como potência, mostrando-se conveniente a aproximação dos países com o mesmo. Ao analisar as obras sobre o Brasil escritas por Marie Robinson Wright, o estabelecimento de um sentimento de irmandade entre esse e os Estados Unidos e o avanço das relações exteriores do Brasil seriam verificadas, de acordo com os eventos destacados pela viajante, na III Conferência Pan-Americana e na Exposição Nacional de 1908, sinalizando a abertura do país a novas conexões e sua entrada no universo tecnológico e capitalista do século XX.

O autor Luís Cláudio Villafañe afirma em “O dia em que adiaram o carnaval” que as relações exteriores auxiliaram diretamente na construção de uma ideia de Brasil<sup>72</sup>. O projeto de estabelecimento das relações internacionais “[...] ao menos no campo do discurso, está dirigido a atender às diretrizes daquilo que o sistema de poder interno estabelece como o bem comum daquela sociedade ou, mais modernamente, o interesse nacional”<sup>73</sup>. Assim, percebe-se que as frentes construídas no processo de expansão das relações exteriores refletem as demandas internas de uma determinada camada da população, no caso as elites brasileiras. Ademais, os interesses por detrás da ampliação de relações entre os países servem a propósitos nacionais, ou seja, demandas que ultrapassam os intentos de um determinado governo ou político em controle do aparelho estatal, mas é pensada como sendo voltada para os benefícios da nação em sua totalidade.

<sup>71</sup> RÉ, Flávia Maria. *A distância entre as Américas: uma leitura do Pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas no Brasil (1889-1912)*. São Paulo, 2010, Dissertação de mestrado. pp.187.

<sup>72</sup> SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O dia em que adiaram o carnaval: política externa e a construção do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. pp.18.

<sup>73</sup> Ibidem, pp. 19.

Desta forma, acreditava-se que ao seguir o exemplo estadunidense e melhorando suas relações com o mesmo, possibilitaria ao Brasil maior crescimento econômico e a certeza de estar rumando a uma noção de progresso já consolidada.

As relações entre o Brasil e os demais países da América vão se estreitando desde a época do Império, sendo reveladas através do Tratado de Amizade e Navegação, o reconhecimento da independência em 1824, a aceitação da Doutrina Monroe e a viagem de D. Pedro II aos Estados Unidos para a comemoração do aniversário da independência estadunidense em 1876. O Império buscou uma relativa aproximação, embora houvesse períodos de retração ao longo do processo, especialmente nas décadas de 1840 e 1850. No Manifesto Republicano, publicado em 1870, os autores se colocam da seguinte forma: “Somos da América e queremos ser americanos”. A influência estadunidense constrói, no final do século XIX, uma noção de América buscando afirmar-se como diferenciada do continente europeu e similares entre si. Uma ideia similar de América já havia sido introduzida por Thomas Jefferson a partir de 1808, com a apresentação do termo “Hemisfério Ocidental”, apontando a similaridade do modo de vida entre os países americanos em comparação com as divergências com os europeus. Porém, a afirmação das similaridades entre as Américas e a busca pela ampliação das relações com as mesmas atendia aos propósitos do jogo político enfrentado pelos Estados Unidos no final do século XIX, e “Parte importante desse jogo era garantir a paz, a ordem e a estabilidade nas chamadas nações atrasadas. Em tais regiões, a potência que realizava o papel de polícia era aquela que exercia maior influência”<sup>74</sup>.

Os Estados Unidos gradativamente adotam uma política imperialista, buscando expandir suas influências para os países vizinhos e impor uma noção de ordem e política nos locais considerados como atrasados ou incivilizados. Neste cenário, o governo brasileiro busca obter vantagens econômicas com a expansão das relações, iniciando esse empreendimento, de acordo com Marie Wright, no governo do presidente Francisco Rodrigues Alves. A viajante aponta que “An important part of the programme of President Alves [...] was to extend and strengthen the foreign relations of Brazil, and the success with which this plan was carried out is one of the most memorable features of his

---

<sup>74</sup> SMITH, Robert. In. SMITH, Robert Freeman. Os Estados Unidos e a América Latina, 1830-1930. In. *História da América Latina, Volume IV*. BETHELL, Leslie (Org.). Trad. Geraldo Gerson de Souza. 1<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. pp.620.

administration”<sup>75</sup>. Um dos fatores que contribuíram para as intenções de intensificar o comércio brasileiro foi a produção cafeeira em expansão nas regiões Sudeste do país, este tornando-se o principal produto de exportação brasileiro, comprado em sua grande parte pelos Estados Unidos. O incremento do acúmulo de capital com o avanço das exportações de café beneficiou os grandes centros urbanos e as áreas rurais ligadas a exportação do produto<sup>76</sup>.

Até o ano de 1898, o cônsul brasileiro residente nos Estados Unidos da América, Salvador de Mendonça, se mostrava favorável a aproximação entre os países e uma adaptação Latina do Destino Manifesto. Para concretizar uma aliança maior entre os dois países foi firmado em 1891 o acordo Blaine/Mendonça, um acordo comercial bilateral no qual era proposto a entrada de açúcar e couro brasileiros livre de impostos, assim como determinados produtos manufaturados estadunidenses. Em 1889, com o advento da I Conferência Internacional Americana, Quintino Bocaiúva, ministro das relações exteriores na época, confere à política estadunidense um valor positivo, especialmente ao denominado “espírito americano”, obtendo sucesso no movimento de aproximação. Ele busca reforçar a necessidade de representantes brasileiros nos Estados Unidos para a obtenção de reconhecimento estadunidense. Assim, percebe-se que os esforços para o estreitamento das ligações entre o Brasil e Estados Unidos estavam no horizonte dos políticos da República desde a proclamação, obtendo maiores resultados a partir de 1890, com o Tratado de Aliança assinado por Blaine, secretário de Estado<sup>77</sup>. Porém, os esforços para a aproximação entre os países não significaram o término das relações com os europeus, mas sinalizam uma mudança nos eixos das relações comerciais devido à ascensão estadunidense como potência mundial.

Após a Guerra Civil nos Estados Unidos, aspectos como a incorporação dos estados sulistas à União, o fortalecimento do mercado interno, o progressismo e os incentivos para o desenvolvimento da industrial, auxiliam para a ascensão dos Estados Unidos como uma potência mundial entre o final do século XIX e começo do XX. Como consequência do avanço industrial e comercial estadunidense, o governo se volta a expansão para os

---

<sup>75</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.105.

<sup>76</sup> DEAN, Warren. La Economía Brasileña. In. CONDE, Roberto Cortês. et al. *Historia de América Latina, 1870-1930, Volume 10*. BETHELL, Leslie (Org.). Barcelona: Editora Crítica. pp.373.

<sup>77</sup> PEREIRA, Paulo José dos Reis. *A política externa da primeira república e os Estados Unidos: a atuação de Joaquim Nabuco em Washington (1905-1910)*. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2006. pp.37.

países vizinhos na busca pela ampliação de mercados. Isto é corroborado na obra de Eric Hobsbawm, expondo que “A ‘expansão territorial’, disse um funcionário do Departamento de Estado dos EUA em 1900, ‘não é senão subproduto da expansão do comércio’<sup>78</sup>. A abertura da embaixada brasileira em Washington é o reconhecimento da importância da aproximação com a nova potência, movimento iniciado com o Barão do Rio Branco. Entre os anos de 1901 e 1909, Roosevelt assumiu a presidência dos Estados Unidos e, a partir de seu ideal progressista, suas ações políticas eram voltadas à melhoria nas relações exteriores, buscando estabelecer relações comerciais que fossem benéficas a seu país. No mesmo período, Joaquim Nabuco, dentro da embaixada brasileira, vai buscar reconhecer esses intentos de aproximação para melhor articular as relações entre os dois países, especialmente devido ao avanço da compra de café pelos estadunidenses, até então um dos principais produtos brasileiros.

Um dos indivíduos com maior participação no fortalecimento das relações exteriores com os Estados Unidos foi o Barão do Rio Branco, político com grande influência no cenário nacional. Sua educação europeia resulta em sua aproximação com os ideais da monarquia, e mostrava-se reticente quanto à aproximação com os Estados Unidos até o início do século XX. Sobre ele, Marie Wright coloca que “No name in Brazil is held in grater esteem and affection than that of Rio-Branco, which is identified not only with the triumph of liberal principles under the empire, but with the beginning of a new era in the aggrandizement of the republic”<sup>79</sup>. Os ímpetos voltados a expansão das relações pelos Estados Unidos são consequência de um acúmulo de capital ocasionado pelo rápido avanço industrial, assim como o desenvolvimento comercial e urbano. Estes aspectos têm como meio legitimador as ideologias disseminadas pelo poder político, apoiando-se numa nova noção de Doutrina Monroe e dos discursos sobre a superioridade política estadunidense, tornando a influência sobre outros países uma missão obrigatória nos elementos discursivos da época.

O final do século XIX e início do XX marcam, nos Estados Unidos, o seu avanço como novo polo imperialista e no Brasil os primeiros anos da República. A influência estadunidense na América Latina passa a ser defendida nos discursos políticos internos, sendo exaltada como uma obrigatoriedade do país devido a sua rapidez e superioridade

<sup>78</sup> HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp.76.

<sup>79</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.115.

no estabelecimento de formas modernas de governo, concretizada na política *big stick*. Assim, na visão estadunidense, o modelo construído por eles deveria ser ensinado e aplicado nos países latino-americanos, pois estes não eram aptos a se autogovernarem. A imagem de superioridade estadunidense frente ao antigo dominante, a Europa, foi construída e propagada por eles, mas discutidas e muitas vezes legitimadas por setores da intelectualidade latino-americana. Em 1895, de acordo com Marie Wright, os Estados Unidos já atuavam como árbitros em conflitos fronteiriços no Brasil, como no caso ocorrido durante o governo do presidente Prudente de Moraes com relação aos limites com a Argentina, com o auxílio do então ministro das relações exteriores, Barão do Rio Branco<sup>80</sup>. A viajante dissemina uma visão, em sua obra, de um alinhamento total do Barão do Rio Branco com os Estados Unidos e os princípios da Doutrina Monroe, buscando ressaltar os laços entre os dois países. As intervenções estadunidenses na América Latina com o objetivo de ampliar suas influências são iniciadas com a Guerra Hispano-Americana em 1898, a I Conferência Internacional Americana em 1889, as interferências nos conflitos de Cuba e Porto Rico, a tomada do canal do Panamá e o Pan-Americanismo.

O início da República no Brasil marcou uma mudança nas relações externas, culminando no estabelecimento da “aliança não escrita” com os Estados Unidos, uma maior aceitação por parte política dos ideais da Doutrina Monroe e a visão positiva da intervenção estadunidense na América Latina, especialmente na região do Caribe e no México. Com o avanço das relações exteriores brasileiras, Marie Wright expõe que:

“It is this broad and liberal attitude toward foreign interests which has contributed most powerfully to give Brazil the importance abroad that its greatness merits, and which has led the press of Europe to christen it ‘The Colossus of the South’ in contradistinction to the title which the United States bears among European statesmen, as ‘The Colossus of the North’”<sup>81</sup>.

A política externa brasileira busca se afastar ao que a ligava ao Império, embora mantendo a ordem social e política regente do período anterior. Para Marie Robinson Wright, a expansão das relações comerciais é inserida nas pautas principais do Estado brasileiro a partir do governo do presidente Campos Salles, iniciado em 1898. Posteriormente, passa a ser melhor desenvolvida com o presidente Alves, marcando seu período de administração<sup>82</sup>. Surge, no ano de 1904, o projeto para a criação da primeira

---

<sup>80</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.96.

<sup>81</sup> Ibidem, pp.117.

<sup>82</sup> Ibidem, pp.105.

embaixada brasileira nos Estados Unidos, buscando fortalecer os laços entre ambos os países, especialmente no sentido comercial. Joaquim Nabuco, na época enviado na Missão Especial em Roma e na Legação de Londres, vivencia com espanto uma mudança nas relações exteriores, até então voltadas principalmente para o Império Britânico<sup>83</sup>. Para a viajante, o desenvolvimento de novas relações se mostra benéfica pois “Between Brazil and her sister republics of America there are no differences that cannot be easily solved without conflict”<sup>84</sup>.

A aliança entre o Brasil e os Estados Unidos foi elevada após a construção da primeira embaixada e foi firmada através dos intentos de Joaquim Nabuco, enviado por Barão do Rio Branco. Durante sua atuação na embaixada, as visões de Nabuco sobre possíveis modelos para o Brasil são modificadas, tornando-se um americanista e passando a buscar fortalecer os laços entre os países. Ele passa a se afirmar como um dos defensores e propagandistas do Pan-americanismo. Os vínculos entre ambos os países aumentam em 1906, ano que marca a ocorrência da III Conferência Pan-Americana no Brasil, com a chegada do Secretário de Estado Elihu Root. Também neste ano há uma redução de 20% nas tarifas de produtos brasileiros, favorecendo o mercado estadunidense<sup>85</sup>. Desta forma, medidas políticas e econômicas se conectam, concretizadas para um mesmo objetivo. De acordo com Marie Wright, “The best market for Brazilian products is the United States, which, in 1906, was a purchaser to the value of ninety-two million dollars gold”<sup>86</sup>.

Porém, a passagem do século XIX para o XX marca o aumento da interferência estadunidense na América Latina. Baseada nos princípios da Doutrina Monroe, a noção de superioridade propagada pelos Estados Unidos legitimava suas ações constantes nos países latino-americanos. Desta forma, os posicionamentos da política exterior abriam caminho para o imperialismo estadunidense que perpetuaria na América Latina até o século XXI. Dentre as formas encontradas para de legitimar sua hegemonia nos países latino-americanos estão as conferências Pan-Americanas. Como apontado por Villafaña, “As conferências Pan-Americanas exerciam um importante papel na articulação [...]”

---

<sup>83</sup> PEREIRA, Paulo José dos Reis. *A política externa da primeira república e os Estados Unidos: a atuação de Joaquim Nabuco em Washington (1905-1910)*. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2006. pp. 28.

<sup>84</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.112.

<sup>85</sup> RÉ, Flávia Maria. *A distância entre as Américas: uma leitura do Pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas no Brasil (1889-1912)*. São Paulo, 2010, Dissertação de mestrado. pp.189.

<sup>86</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.368.

como veículo para a legitimação da influência dos Estados Unidos por meio do princípio da 'solidariedade hemisférica'<sup>87</sup>. As conferências pan-americanas foram formas de fortalecer as relações comerciais com países latino-americanos e estabelecer uma relação supostamente recíproca. Porém, o estabelecimento de relações envolvia o predomínio estadunidense sobre os demais países e sua posição como um modelo a ser seguido. O Secretário de Estado dos Estados Unidos Elihu Root, ao se referir a III Conferência Pan-Americana de 1906, no Rio de Janeiro, expõe a forma como via o decorrer das Conferências:

"The true function of such conference is to deal with matters of common interest which are not really subjects of controversy, but upon which comparison of views and friendly discussions may smooth away differences of detail, develop substantial agreement, and lead to coöperation along common lines for the attainment of objects which all really desire"<sup>88</sup>.

Marie Robinson Wright enxerga na aproximação dos dois países não a presença de intentos imperialistas, mas um sinal de avanço essencial, configurando uma relação de irmandade que já fazia parte de seus destinos. Os caminhos abertos por Joaquim Nabuco e o Barão do Rio Branco são naturalizados pela viajante, constituindo um destino comum já traçado entre duas grandes nações. De acordo com ela, "The influence of the Foreign Office has never been so powerfully felt in the progress and advancement of the republic as under the administration of Baron de Rio-Branco, during which the country has received signal manifestations of international respect and friendship"<sup>89</sup>. Os posicionamentos favoráveis do Barão do Rio Branco frente à influência estadunidense na América Latina são idealizados pela viajante. Seu lugar social como viajante, vivendo nas rotas entre os Estados Unidos e a América Latina, impulsionada por uma admiração por ambas as localidades, leva a mesma a desejar uma aproximação entre ambos e a voltar seu olhar para as características compartilhadas. A recém instaurada República no Brasil buscava se associar a América do Norte como exemplo republicano e civilizacional<sup>90</sup> através de políticas de aproximação, visão compartilhada pela viajante Marie Wright. De acordo com Michel de Certeau, uma interpretação histórica depende de um sistema de

---

<sup>87</sup> SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O dia em que adiaram o carnaval: política externa e a construção do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. pp.157.

<sup>88</sup> ROOT, Elihu (1906). Apud. LOCKEY, Joseph Byrne (1920). In. Meaning of Pan-Americanism. In. *Pan-Americanism: its beginnings*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1920. pp.7.

<sup>89</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp. 117.

<sup>90</sup> RÉ, Flávia Maria. *A distância entre as Américas: uma leitura do Pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas no Brasil (1889-1912)*. São Paulo, 2010, Dissertação de mestrado. pp. 54.

referências, uma filosofia particular<sup>91</sup>. Desta forma, a interpretação de Marie Wright acerca do rumo das relações entre Estados Unidos e Brasil reflete diretamente a sua noção pan-americanista da existência de uma irmandade entre as Américas, culminando em um crescimento conjunto, fruto tanto do acompanhamento do decorrer das Conferências pela mesma quanto das correntes que influenciavam a instituição de saber da qual a mesma pertence, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

O Pan-americanismo em ascensão no início do século XX funcionou como uma ideologia e movimento responsável por propagar uma noção de unificação entre as Américas, mas reconhecia a hegemonia estadunidense. As medidas atendiam, em sua maioria, as demandas dos Estados Unidos e passaram a contar com uma participação assídua do Brasil desde a primeira Conferência Pan-Americana em Washington entre 1889 e 1890. Embora a participação de representantes brasileiros não significasse necessariamente um alinhamento total, não havia indícios de enfrentamento frente as políticas externas do país em ascensão. Gradativamente, a América Latina passa a ser vista como uma área de influência imperial crucial para os Estados Unidos. Assim como este buscava sua afirmação como país hegemônico na América, o Brasil passa a obter maior poderio frente ao cenário latino-americano, tornando-se um país de liderança, o que o aproximava dos intentos estadunidenses. Percebe-se que, ao contrário dos intentos políticos de seu país, nas obras da viajante sobre o Brasil ela não pontua ou trabalha as motivações imperialistas dos Estados Unidos, buscando inserir a América Latina no mesmo patamar econômico e político. Para Marie Wright, o intento dos representantes brasileiros e estadunidenses no estabelecimento de relações mais próximas entre seus países foi um dos motivos principais para o fortalecimento de uma amizade e no compartilhamento de um único destino, tendo como passo essencial neste caminho a ocorrência da III Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro em 1906.

---

<sup>91</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. pp.48.

## 5- O Pan-americanismo: influências e inserção na obra de Marie Robinson Wright.

A Primeira Conferência das Nações Americanas, ocorrida em Washington entre 1889-1890, marca o início do estabelecimento de relações mais estreitas entre as Américas. A partir das propostas acerca de tratados de paz e união aduaneira, os Estados Unidos passam a abrir caminhos rumo a América Latina, amparados por tratados comerciais. O termo Pan-americanismo levanta questionamentos com relação a possibilidade de se tratar de uma ideologia ou política e passa a ser amplamente disseminado partir da Primeira Conferência, sendo “[...] utilizado pela primeira vez nas colunas do jornal *The New York Evening Post* em 1882 durante a campanha do Secretário de Estado James Blaine para organizar um congresso das nações americanas em Washington com o objetivo de conformar um *zollverein* comercial de todo o hemisfério”<sup>92</sup>. O conceito possuí relação com o termo “Hemisfério Ocidental” criado por Thomas Jefferson na metade do século XIX, diferenciando geograficamente as Américas da Europa. Pode-se compreender o Pan-americanismo estadunidense como consolidado no final do século XIX, assumindo teor ideológico e político com o objetivo de construir um sistema entre as Américas baseada em reciprocidade e interesses mútuos, a partir da liderança dos Estados Unidos. Para isto, o Pan-americanismo buscava a construção de uma união econômica e política entre as Américas, estabelecendo relações mais próximas frente ao imperialismo europeu. Ele edifica representações ideológicas das relações com a América Latina. O avanço do poderio econômico e naval dos Estados Unidos no final do século XIX impulsiona o aumento das relações comerciais com outros países, buscando firmar novas alianças com a América Latina. É no Pan-americanismo que se fundamenta as relações entre o Brasil e os Estados Unidos no período da Primeira República.

O conceito de Pan-Americanismo estabelecido pelos Estados Unidos, partindo do princípio de unidade hemisférica sob a liderança estadunidense, divergia da noção de América Latina construída por Bolívar no início do século XIX pois a estadunidense “[...] apelou para a unidade hemisférica a partir da visão de destino comum compartilhado a partir da Doutrina Monroe em contraposição à Europa, e não a partir de uma

---

<sup>92</sup> LOGUERCIO, Edgardo Alfredo. As origens do Pan-Americanismo. In. *Pan-americanismo versus Latino-americanismo: origens de um debate na virada dos séculos XIX-XX*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, Dissertação de Mestrado, pp. 52.

correspondência cultural e histórica entre as repúblicas americanas, como proposto por Bolívar...”<sup>93</sup>. De acordo com dicionários da época, Pan-Americanismo poderia significar uma união política das Repúblicas do Hemisfério Ocidental, a união dos Estados da América, o sentimento de uma aliança política entre as Américas, uma política internacional ou a busca do Novo Mundo por estabelecer sua soberania<sup>94</sup>. John Basset Moore apontava, em 1915, que o Pan-Americanismo envolve a concepção da existência de um sistema americano independente e diferenciado do europeu. O Pan-americanismo seria para Marie Robinson Wright uma parte do destino de ambos os países, sinal da união e similaridade política e economia. Percebe-se a influência da noção teleológica da viajante, havendo constantemente a presença de um destino reservado pela Providência e pelo qual inexoravelmente ambos os países caminham juntos, sendo concretizado a partir das reuniões nas Conferências. As Conferências Pan-Americanas marcam o início da americanização das políticas externas brasileiras e dos ideários do progresso e república aos moldes estadunidenses no Brasil<sup>95</sup>, um reconhecimento da decadência do modelo europeu de política.

A ideia de união no continente já havia sendo apresentada anteriormente, especialmente na América do Sul. A noção de união hispano americana havia sido elaborada e propagada por Simon Bolívar e toma expressão no Congresso do Panamá em 1826, fundamentada em questões identitárias e históricas<sup>96</sup>. O Brasil não participou do Congresso do Panamá devido a manutenção de um regime monárquico governado por um português e as diferenças ideológicas decorridas deste fato. A Doutrina Monroe, em expansão na época, vai encontrar sua manifestação maior nas últimas décadas do século XIX com o fim da Guerra Civil e a Guerra Hispano-americana em 1898, consolidando o caráter nacionalista expansionista do capitalismo estadunidense. Desta forma, os Estados Unidos passariam a ser vistos como o líder de uma união americana, tanto comercialmente quanto ideologicamente. Como expressão dos intentos por hegemonia dos Estados Unidos, o Secretário de Estado James Blaine convocou um congresso que

---

<sup>93</sup> RÉ, Flávia Maria. *A distância entre as Américas: uma leitura do Pan-Americanismo nas primeiras décadas republicanas no Brasil (1889-1912)*. São Paulo, 2010, Dissertação de mestrado. pp.37.

<sup>94</sup> LOCKEY, Joseph Byrne. Meaning of Pan-Americanism. In. *Pan-Americanism: its beginnings*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1920. pp.3.

<sup>95</sup> BETHELL, Leslie. O Brasil no mundo. In. CHALHOUB, Sidney. et al. *História do Brasil nação: 1808-2010, Volume 2: A construção nacional: 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. pp. 176.

<sup>96</sup> DULCI, Tereza Maria Spyer. *As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889-1928)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008, Dissertação de Mestrado. pp.21.

envolvesse todo o continente americano, responsável por tratar de questões comerciais e disputas internas, dando início as Conferências Pan-americanas.

Nos Estados Unidos, um dos articuladores do Pan-americanismo foi o senador e, posteriormente, presidente do país, James Gillespie Blaine, buscando incentivar o aumento das relações comerciais com a América Latina a partir de tratados de paz e o incremento das exportações. Blaine almejava, ao longo de seu período na presidência, balancear os interesses protecionistas dos industriais e fazendeiros de seu país e, concomitantemente, expandir os caminhos comerciais no exterior. Absorvidos em uma ascensão capitalista nos grandes centros urbanos e desejosos pela abertura econômica após o período de Reconstrução, os Estados Unidos se voltam para a expansão das relações com os países vizinhos, na América Latina. Durante seu trabalho como Secretário de Estado, entre 1882 e 1889, Blaine apresenta a proposta para uma reunião pan-americana, apontando os benefícios econômicos obtidos com a realização de novas relações baseadas em tratados de paz, obtendo aderência por parte da elite política. Dentre as medidas inseridas na proposta de Blaine, as que obtiveram maior aceitação foram a criação de uma união aduaneira, possibilitando intensificar a circulação de produtos entre os países, a criação de uma moeda comum aos países e o tratado de arbitragem. Os demais países latino-americanos não enxergavam na proposta de uma barreira alfandegária um benefício a seus Estados pois os produtos da América do Sul sofriam com a alta concorrência entre si.

Para Joseph Lockey, a partir dos discursos proferidos por James Blaine, o Pan-Americanismo pode ser definido a partir de duas palavras: paz e comércio. Estas se concretizariam a partir da cooperação entre todas as Américas, unidas pelo destino<sup>97</sup>. Neste sentido, Marie Robinson Wright expressa noções similares, colocando que “There is a natural bond between Brazil and the United States in their territorial greatness and their political destiny...”<sup>98</sup>, reforçando a ideia de que para a viajante as relações entre Estados Unidos e América Latina consistiam em um destino manifesto. Desta forma, a realização de uma Conferência em Washington envolvendo os países da América do Norte e Sul foi colocada como o meio pelo qual as Américas, unificadas através de uma suposta amizade e pacificidade, se aproximariam. Ademais, Blaine ressalta o fator da

<sup>97</sup> LOCKEY, Joseph Byrne. Meaning of Pan-Americanism. In. *Pan-Americanism: its beginnings*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1920. pp.4.

<sup>98</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.106.

igualdade entre os países representados na Conferência e nos acordos comerciais firmados, algo que se mostraria contrário nas intenções imperialistas estadunidenses frente ao território latino-americano. De maneira semelhante, Marie Wright enxerga as relações nas Conferências baseadas em uma reciprocidade igualitária e em uma irmandade idealizada. Para conciliar os interesses do mercado interno estadunidense e os intentos pela expansão comercial com a América Latina, os tratados de suposta reciprocidade foram utilizados. Com a proclamação da República no Brasil em 1889, os Estados Unidos se sentiram mais motivados a se aproximar do país devido a introdução de uma nova forma de governo que se semelhava a deles. A monarquia se apresentava como um empecilho a aproximação entre ambos devido a desaprovação norte-americana a esta forma de governo e pelas críticas de políticos brasileiros à aproximação comercial com os Estados Unidos.

A Conferência de Washington ou Primeira Conferência Internacional Americana ocorreu entre 2 de outubro de 1889 e 19 de abril de 1890. Ela adquiriu caráter anti-britânico, além de um pessimismo de determinados países quanto a eficácia das propostas, como o Chile e o México. O tour proposto pelo governo estadunidense para os representantes latino-americanos antes da Primeira Conferência, percorrendo ao todo 41 cidades, tinha como objetivo comprovar que os Estados Unidos consistiam em um modelo a ser seguido em detrimento da Europa. Seu objetivo principal envolvia a criação de um sistema intra-americano baseado em tratados de reciprocidade e de interesses conjuntos, embora claramente sob a liderança dos Estados Unidos.

“[...] Blaine afirmou que o objetivo era alcançar relações permanentes de confiança, respeito e amizade entre as nações americanas, devendo prevalecer a igualdade entre os Estados. Não deveria existir coerção, acordos secretos nem conquista, nem alianças contra as nações europeias, balanço de poder ou exércitos ameaçantes. Deveria haver ajuda mútua, cooperação ampliada, e só a lei deveria reger a administração entre as nações americanas”<sup>99</sup>.

Embora o discurso de Blaine expunha uma visão de cooperação mútua e uma suposta igualdade entre os países envolvidos, os Estados Unidos deteriam maior poder de decisão e seria considerado como o guia do restante dos países. Desta forma, o Pan-americanismo favorecia os intentos estadunidenses e, principalmente, seus impulsos imperialistas, legitimando-os através de acordos. A Primeira Conferência somente obteve como

---

<sup>99</sup> LOGUERCIO, Edgardo Alfredo. As origens do Pan-Americanismo. In. *Pan-Americanismo versus Latino-americanismo: origens de um debate na virada dos séculos XIX-XX*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, Dissertação de Mestrado. pp. 65.

resultado prático a criação de um Escritório Comercial das Repúblicas Americanas, a possibilidade da assinatura de acordos de reciprocidade e um convênio entre os Estados Unidos e o Brasil, resultando na diminuição de taxas alfandegárias e a isenção de direitos de importação do café brasileiro e da farinha de trigo estadunidense. A conferência de Washington culminou na criação de um escritório de comércio para as repúblicas americanas em 1890, futuramente transformado em União Pan-Americana, distribuindo informações sobre o comércio dos países que participaram no evento, supervisionado diretamente pelo governo estadunidense<sup>100</sup>. A partir da Primeira Conferência, percebe-se que o Pan-americanismo se torna:

“[...] instrumento político utilizado pelos Estados Unidos para unificar as relações interamericanas e justificar a construção da sua própria supremacia em nosso continente sob os argumentos de que a relação estabelecida em tal nível de cooperação traria benefícios para todos os países, de acordo com suas potencialidades, diante de um almejado espaço de livre-comércio nas Américas”<sup>101</sup>.

Se mostrava benéfica para o Brasil a aproximação com os Estados Unidos pois a comercialização de café e açúcar adquiriria maior alcance, sendo o mesmo o maior comprador destes produtos brasileiros, além da obtenção de maior prestígio internacional obtido após a instauração da embaixada brasileira em Washington. Entre o final do século XIX e início do XX, intelectuais brasileiros discutiam tanto a disseminação do Pan-americanismo quanto o monroísmo, levantando debates sobre os seus aspectos positivos e negativos. Dentre os intelectuais que debatiam o Pan-americanismo, a viajante Marie Robinson Wright apresenta seus posicionamentos frente a aproximação dos dois países. Ela compartilha da visão de uma irmandade entre os Estados Unidos e os países vizinhos, sendo positivo tanto na esfera econômica quanto política. Para a viajante, a proclamação da República aproximou ainda mais os dois países por agora compartilharem de um caminho político similar rumo ao futuro, inaugurando o que a viajante define como “Novo Brasil”. O Pan-americanismo, para ela, teria efeitos benéficos para ambos e poderia ser considerado como um acontecimento que inaugura uma nova era, descrevendo como sendo “The inauguration of a new era in the national life and progress of Brazil, was

<sup>100</sup> SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa: O Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. pp.110.

<sup>101</sup> ALONSO, Rafael Affonso de Miranda. et. ARAUJO, Rafael Pinheiro. *As relações entre Estados Unidos e América Latina (1889-1930): da Primeira Conferência Pan-Americana ao anti-imperialismo latino-americano*. Revista Eletrônica da ANPHLAC, nº25 (2018), pp.145.

particularly emphasized by the events of the international importance”<sup>102</sup>. Como apontado anteriormente por Bernardo Ricupero em seus três eixos, os interesses demonstrados pelo Brasil para a aproximação entre os dois países, envolvendo o compartilhamento de valores entre ambos, a utilização dos Estados Unidos a serviço dos objetivos nacionais e o estabelecimento de uma relação bilateral.

Porém, as opiniões favoráveis de Marie Wright não eram compartilhadas de forma hegemônica na América Latina. Embora o Brasil demonstrasse intentos de aproximação com os Estados Unidos, o imperialismo deste e o desejo de manter certa autonomia nacional se colocavam como questionamentos e levavam a críticas ao processo de expansão estadunidense. A Argentina e Cuba foram países que demonstravam abertamente suas ressalvas quanto aos avanços de Blaine e a efetividade de uma cooperação mútua<sup>103</sup>, alertando para as intenções estadunidenses por detrás dos acordos propostos. O presidente argentino Roque Sáenz Peña se posiciona fortemente contra as inclinações expansionistas estadunidenses e “Ao lema ‘a América para os americanos’, com que os EUA pretenderam expressar a Doutrina Monroe e justificar a sua expansão comercial, ele opôs o lema ‘*la América para la humanidad*’ e, [...] afirmou que ‘*Estado alguno americano tiene el derecho de hablar a nombre del hemisferio*’”<sup>104</sup>. Enquanto para o Brasil se mostrava benéfico o estabelecimento de acordos comerciais com os Estados Unidos, o maior comprador de produtos brasileiros na época, a economia argentina dependia das exportações para a Grã-Bretanha. Ademais, o escritor cubano José Martí publica “*Nuestra América*” em 1891, em defesa de uma identidade latino-americana diferenciada da estadunidense, apontando os seus intentos expansionistas e predatórios.

A hegemonia estadunidense encontra diversas críticas na intelectualidade latino-americana, não sendo um processo natural de aproximação como apresentado por Marie Wright em seu livro. Os republicanos brasileiros se mostravam favoráveis a influência estadunidense, especialmente após “recibieron con entusiasmo la noticia de la convocatoria de la I Conferencia Panamericana en 1888 porque veían en ella la posibilidad de la reunión de la ‘América republicana, federal y libre’ a la cual

<sup>102</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.105.

<sup>103</sup> LOGUERCIO, Edgardo Alfredo. As origens do Pan-Americanismo. In. *Pan-americanismo versus Latino-americanismo: origens de um debate na virada dos séculos XIX-XX*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, Dissertação de Mestrado. pp. 71.

<sup>104</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. Capítulo V. In. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: Conflito e integração na América do Sul*. 3<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. pp.126.

soñaban...”<sup>105</sup>, sendo esta uma ideia propagada pela viajante. Dentre os maiores críticos se encontravam os grupos a favor da monarquia, pois a aproximação com uma república federalista se mostrava um empecilho a esperança de restauração do Império. Ademais, as propostas das conferências Pan-americanas encontraram repercussão nos Estados Unidos, sendo defendidas pelas regiões Norte e Nordeste na busca por expandirem a venda de produtos industriais e criticados pelas regiões ao Sul, preocupadas com o aumento da competitividade de seus produtos.

Durantes as viagens empreendidas por Marie Robinson Wright três conferências Pan-Americanas ocorreram: Washington (1889-1890), México (1901-1902) e Rio de Janeiro (1906). A viajante presenciou a III Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro, ocorrida em 1906, enquanto ainda residia no país. Não se tem documentado a possibilidade de sua presença nos demais eventos. O Brasil foi escolhido para sediar a Conferência apesar das ressalvas da Venezuela e da Argentina<sup>106</sup>. Para o evento, foi construído o Palácio Monroe, no Rio de Janeiro que, de acordo com a viajante, “The name it bears is significant of the friendly relations which exist between Brazil and the United States”<sup>107</sup>. Arquitetado a partir de referenciais estéticos europeus e construído em aço, metal símbolo do desenvolvimento industrial estadunidense, o Palácio Monroe era a imagem vívida da busca do Brasil por encontrar seu lugar entre os Estados Unidos e a Europa. O nome do Palácio, em homenagem ao presidente James Monroe, demonstra a procura do Barão do Rio Branco e Joaquim Nabuco pela aproximação com os ideários estadunidenses, como a Doutrina Monroe.

A delegação brasileira teve como líder Joaquim Nabuco, embaixador que auxiliou no estreitamento das relações entre os países. Para a viajante, a III Conferência foi um evento de extrema importância para todo o denominado mundo civilizado<sup>108</sup>. No mesmo, o Barão do Rio Branco foi nomeado como vice-presidente do evento, junto com o estadunidense Elihu Root. De acordo com Marie Wright:

“The reunion of the third Pan-American Congress at Rio, and the visit to that city that Secretary Elihu Root of the United States, were the natural consequences of a recognition of the United interest between the countries of

---

<sup>105</sup> HENRICH, Nathalia. *La III Conferencia Panamericana em Río de Janeiro (1906) y las relaciones entre Brasil y Estados Unidos*. Espanha: Revista de Estudios Brasileños, vol.4, nº8 (2017), pp.93.

<sup>106</sup> BETHELL, Leslie. *Conferências Pan-americanas*. Rio de Janeiro, CPDOC, pp. 5.

<sup>107</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp. 131.

<sup>108</sup> Ibidem, pp. 107.

North and South America, which has been developing within recente years, and especially since the organization of the first Pan-American Congress”<sup>109</sup>.

Guiada pelos ideais do Pan-americanismo, Marie Wright busca inserir a América Latina no mesmo panorama econômico e movimento rumo ao futuro que os Estados Unidos, buscando afirmar as similaridades entre ambos e a necessidade de uma aproximação. Desta forma, ao longo de suas obras sobre o Brasil, ela procura inserir o país no que considera como “mundo civilizado” e focalizar na noção de irmandade com os Estados Unidos. No decorrer de sua obra, a viajante ressalta o futuro compartilhado entre o Brasil e os Estados Unidos, sendo a irmandade entre ambos construída pelo estabelecimento do regime republicano. Para Marie Robinson Wright, a passagem de Império para República foi um dos maiores fatores para a efetivação da aproximação entre os países, além de uma antiga cordialidade que havia se fortalecido. Assim, a viajante não ressalta recorrentemente a superioridade estadunidense, mas o potencial brasileiro para tornar-se uma potência e ressalta as similaridades entre os Estados Unidos, um diferencial frente ao pensamento intelectual da época que se voltava para afirmação da superioridade da América do Norte frente a América Latina. Fernando Atique, um dos poucos autores brasileiros a citar a viajante em seus trabalhos, explicita acerca do Pan-americanismo em “The New Brazil”:

“A atitude de Marie Wright, neste livro, deve ser entendida como uma importante contribuição norte-americana, dentro da política auto-celebradora instituída pelo regime republicano brasileiro, à idéia de que o Brasil deveria ser o principal aliado norte-americano no sul da América. Tal postura estadunidense soava como harmônica à política Pan-americanista desenvolvida por Rio Branco e Nabuco”<sup>110</sup>.

Embora os posicionamentos oficiais do governo Roosevelt se apresentassem como pacíficos e em irmandade com o restante das Américas, recebendo a concordância da viajante Marie Wright, os anos de 1901 e 1902 marcaram o avanço da presença estadunidense nas regiões da Venezuela e Colômbia, especialmente em questões envolvendo arbitragem e tratados<sup>111</sup>, demonstrando o gradual avanço estadunidense no território latino-americano. Anteriormente, já haviam demonstrado um posicionamento de controle e hegemonia em Cuba nas medidas de pacificação e na Emenda Platt de 1901.

---

<sup>109</sup> Ibidem, pp. 105-106.

<sup>110</sup> ATIQUÉ, Fernando. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano (1876-1945)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2007, Dissertação de Doutorado. pp.42.

<sup>111</sup> SMITH, Robert Freeman. Os Estados Unidos e a América Latina, 1830-1930. In. *História da América Latina, Volume IV*. BETHELL, Leslie (Org.). Trad. Geraldo Gerson de Souza. 1<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. pp.627-628.

Em 1906, seria firmado um acordo concedendo ao governo dos Estados Unidos uma área no Panamá para a construção de um canal, tornando a região, em um sentido prático, em um protetorado. Isto auxiliaria a circulação comercial, criando uma passagem do Atlântico ao Pacífico, beneficiando majoritariamente os interesses estadunidenses. Uma série de críticas de países latino-americanos foram levantadas frente as intenções dos Estados Unidos, principalmente após o corolário do presidente Theodore Roosevelt em 1904 no qual trouxe a tona a Doutrina Monroe a partir de um teor civilizatório, apontando até mesmo a possibilidade de intervenção estadunidense na América Latina caso algum governo se desviasse do considerado civilizado<sup>112</sup>. Desta forma, os Estados Unidos se colocavam como detentores das virtudes civilizatórias e do poder de impor as mesmas aos demais países caso sentissem que lhes convinha. O corolário de Roosevelt demonstra o caráter unilateral das ideologias estadunidenses, buscando afirmar-se como superior. Assim, os intentos imperialistas se mascaravam de medidas protetoras e suposto auxílio.

Rio Branco e Joaquim Nabuco divergiam na visão do Pan-americanismo pois o primeiro enxergava os intentos hegemônicos dos Estados Unidos, buscando o melhor proveito para o Brasil, enquanto Nabuco enxergava o sistema internacional hierarquizado, sendo a melhor posição para o Brasil dentro do mesmo a de irmão e companheiro dos Estados Unidos<sup>113</sup>. Para Nabuco, o intento dos Estados Unidos de manter a doutrina Monroe não deveria ser visto como uma ameaça a sua soberania, mas um privilégio. O Brasil foi apresentado pelos Estados Unidos como um “irmão” devido aos interesses que este detinha no estabelecimento de melhores relações comerciais, sendo considerado como um local mais próximo aos ideais civilizatórios dos estadunidenses, representados pela beleza e poderio de grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro. Marie Wright defende uma visão de irmandade entre os dois países, assim como na visão pan-americanista, enxergando “[...] a natural bond between Brazil and the United States in their territorial greatness and their political destiny; and the friendship which exists between them can only be productive of good results”<sup>114</sup>. Desta forma, a viajante não somente aponta sua crença no estabelecimento de uma amizade entre os dois países, sustentada pela proximidade política de ambos, mas também exprime sua visão da

---

<sup>112</sup> ROOSEVELT, Theodore. Annual Message to Congress, 6 de dezembro de 1904.

<sup>113</sup> HENRICH, Nathalia. *La III Conferencia Panamericana em Río de Janeiro (1906) y las relaciones entre Brasil y Estados Unidos*. Espanha: Revista de Estudios Brasileños, vol.4, nº8 (2017), pp.95.

<sup>114</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2ª ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.106.

existência de um destino compartilhado, levando os dois países para um futuro de crescimento no cenário mundial. Assim, o Pan-americanismo seria uma forma de selar a amizade e construir acordos que beneficiassem e pudessem auxiliar no cumprimento do destino comum. Porém, a noção de igualdade e irmandade entre os países, propagada por Marie Wright e outros intelectuais brasileiros se mostrava idealizada. O Secretário de Estado Elihu Root já colocava durante um discurso de 31 de julho:

“We wish for no victories but those of peace; for no territory except our own; for no sovereignty except the sovereignty over ourselves. We deem the independence and equal rights of the smallest and weakest member of the family of nations entitled to as much respect as those of the greatest empire...”<sup>115</sup>.

Percebe-se que os princípios de igualdade, exaltados ao propor o início das Conferências, não se concretizam. Isto pode ser visto ao afirmar a existência de países “menores” e “mais fracos” do que o Império estadunidense. Assim, a igualdade e o respeito acentuados por Marie Wright poderiam ser frutos de estratégias discursivas, mas não de uma crença em sua existência.

Marie Wright aponta, em diversos momentos de seu livro “The New Brazil”, os inúmeros potenciais do Brasil em diferentes setores, projetando-se de forma positiva para o futuro. Esta noção de futuro seria a mesma que os Estados Unidos detinham para si. Na visão da viajante, os Estados Unidos e o Brasil caminhariam juntos como modelos de governo e, no caso brasileiro, como um modelo de movimento revolucionário para a proclamação da República. Isto pois a viajante desaprovava a ocorrência de quaisquer confrontos para a proclamação de uma República, criticando tanto a Guerra Civil estadunidense quanto a Revolução Francesa. Marie Wright expressa seu ponto de vista ao relatar, com relação a proclamação da república no Brasil, que “For the first time in the annals of nations, monarchical rule was overthrown and a republic was established without the horrors of civil war”<sup>116</sup>. O contexto brasileiro nos primeiros anos da República, ao contrário da noção errônea de pacifismo presente nas obras de Marie Wright, foi intensamente conturbado. Houve críticas elaboradas pelos movimentos apoiadores da monarquia, conflitos na região Sul do país, a Guerra dos Canudos, a americanização da República, a entrada de imigrantes, a Revolta da Vacina (1904), o

---

<sup>115</sup> ROOT, Elihu (1906). Apud. LOCKEY, Joseph Byrne (1920). In. Meaning of Pan-americanism. In. *Pan-americanism: its beginnings*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1920. pp.8.

<sup>116</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp. 79.

aumento inflacionário, a Revolta Armada e a recém abolição da escravatura. Marie Wright acredita que parte do potencial brasileiro advém do fato de que a passagem do Império para República e os primeiros anos do novo período podem ser considerados como pacíficos, sem conturbações. Porém, o mito da pacificidade na República obscurecia os conflitos e ações violentas que aconteciam em diversas regiões do país, sendo construído e legitimado por setores da intelectualidade. Uma outra parte do potencial brasileiro apontado pela viajante é a aproximação com os Estados Unidos a partir das ações tomadas pelo governo do Brasil, dentre elas a instauração de uma embaixada em Washington, a vinda do Secretário Elihu Root e a Conferência Pan-Americana

Com relação a sua descrição acerca da ocorrência da III Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro em 1906, Marie Wright aponta o seguinte:

“The attention of the great powers was directed to Brazil as never before, and their eyes were open to the fact that in South America, as well as in North America, the spirit of western civilization has developed powerful and imposing factors in the control of the world’s politics”<sup>117</sup>.

A partir deste posicionamento da viajante em *The New Brazil*, percebe-se uma visão diferenciada de América Latina. Ao contrário das noções que apresentavam os Estados Unidos como hegemônico e ascendente a líder mundial no século XX, Marie Wright insere a América Latina dentro do campo de controle da política mundial em conjunto com seu país de origem, sendo ambos envolvidos em um espírito da civilização Ocidental. Desta forma, concomitantemente a sua aceitação do Pan-americanismo e sua visão positiva das Conferências, a viajante enxerga inúmeros potenciais políticos e econômicos na América do Sul, orientada em sua maioria por visões idealizadas de revoluções pacíficas e repúblicas nos países que visitou, focalizando nas possibilidades de crescimento apresentadas por cada país latino-americano que visitou. Este aspecto demonstra a identificação da viajante com a América Latina ao longo de suas viagens e sua visão positiva da mesma. Se lugar social como estadunidense e como viajante na América Latina não necessariamente leva a viajante a afirmar os Estados Unidos como superiores ao restante da América, mas são dois aspectos internos da mesma que convivem em sua personalidade, levando-a a obter análises a partir da comparação entre ambos.

---

<sup>117</sup> Ibidem, pp.105.

A viajante descreve detalhadamente os acontecimentos principais da III Conferência, sendo esta iniciada com um discurso formal do até então presidente provisional, o Barão do Rio Branco, posteriormente tornando-se presidente honorário junto com Elihu Root. Joaquim Nabuco, também presente, foi nomeado para a presidência ativa. Ademais, de acordo com Joseph Lockey, Nabuco “declared that the aim of the conferences was intended to be the creation of an American opinion and of an American public spirit”<sup>118</sup>. As reuniões tomaram lugar no Palácio Monroe, batizado em homenagem aos Estados Unidos. Dentre os inúmeros pontos elaborados por Nabuco e Rio Branco que foram trabalhados na Conferência estão: arbitragem, desenvolvimento das relações comerciais entre as repúblicas americanas, leis aduaneiras, estrada de ferro Pan-Americana e futuras Conferências. Em seu discurso, o Barão do Rio Branco teria focalizado nos objetivos do Congresso, apontando para a necessidade de uma troca mútua de ideias para promover o bem comum, envolvendo a fraternidade internacional<sup>119</sup>. De acordo com The New Brazil, Marie Wright coloca que as deliberações envolviam questões gerais de políticas de welfare de todos os países representados, enquanto as decisões eram tomadas através do princípio de arbitragem, levando em conta as aprovações do denominado “mundo civilizado”. No intervalo entre as sessões, os visitantes poderiam conhecer melhor as belezas do Brasil e suas pitorescas paisagens, de acordo com a viajante.

Dentre as resoluções encontradas na III Conferência estavam a continuidade da União Internacional de Repúblicas Americanas (International Union of American Republics), a reorganização do Bureau de Repúblicas Americanas e o armazenamento do acervo do Congresso Pan-Americano. Porém, durante a Terceira Conferência, os pontos mais discutidos pelo Brasil se centravam na questão da arbitragem e da Doutrina Drago<sup>120</sup>. Esta “[...] foi enunciada em 1902 por Luis Drago e afirmava apenas que as dívidas de uma nação para com outra não deviam ser cobradas à força”<sup>121</sup>. A questão da arbitragem expunha o caráter controverso dos discursos estadunidenses. De acordo com

<sup>118</sup> LOCKEY, Joseph Byrne. Meaning of Pan-americanism. In. *Pan-americanism: its beginnings*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1920. pp.12.

<sup>119</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.106.

<sup>120</sup> DULCI, Tereza Maria Spyer. *As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889-1928)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008, Dissertação de Mestrado. pp.100.

<sup>121</sup> SMITH, Robert Freeman. Os Estados Unidos e a América Latina, 1830-1930. In. *História da América Latina, Volume IV*. BETHELL, Leslie (Org.). Trad. Geraldo Gerson de Souza. 1<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. pp.632.

as propostas estabelecidas nas Conferências, embora os Estados Unidos se posicionassem em favor da manutenção da paz nas Américas, deveria ser a paz de acordo com os mesmos já que serviriam como árbitros nos conflitos e litígios. Sendo necessário, os Estados Unidos poderiam se valer do direito de conquista caso um conflito não fosse resolvido. Ademais, havia uma preocupação com o escoamento de produtos nas conferências, necessitando a construção de uma união de sistemas de transporte e comunicação. Outras questões foram levantadas, dentre elas a construção de uma linha ferroviária pan-americana e a possibilidade de melhorias na comunicação entre os países americanos, envolvendo navios à vapor, telégrafos e serviços postais. Juristas de cada país foram convocados para formular um projeto para a criação de um código internacional de leis, culminando em uma reunião para discutir o mesmo em 1907, no Rio de Janeiro. Procuraram recomendar uma Conferência Internacional em São Paulo para discutir a produção cafeeira na região, uma revisão no sistema monetário de cada República e a análise de ganhos industriais e financeiras de toda a América, partilhando essa informação entre os países.

A noção de Brasil surge também a partir das relações que o país constrói com os demais, buscando seguir os passos traçados pelos Estados Unidos. Isto pode ser percebido tanto na aceitação a Doutrina Monroe e a conduta nas Conferências Pan-Americanas, quanto no posicionamento da viajante. Pode se entender as Conferências como expressões da hegemonia estadunidense devido aos privilégios obtidos pelos mesmos nas negociações comerciais, as políticas intervencionistas na América Latina e sua posição na região<sup>122</sup>. Ademais, antes da Conferência, eram realizadas reuniões na sede da União Pan-Americana em Washington, delimitando os pontos a serem discutidos, apresentando argumentos e definindo diretrizes. Nos recortes de jornais estadunidenses da época, eles se referem à América Latina como “os países ao sul de nós”. Joaquim Nabuco afirmava sua crença de que os Estados Unidos compunham um exemplo de República presidencialista e naturalizava a sua liderança frente aos demais países latino-americanos<sup>123</sup>. Ademais, o mesmo seria um exemplo de civilização, necessitando expandir suas influências para guiar os demais países na marcha civilizatória. Em “The New Brazil”, ao se referir a uma análise sobre a obra Paz e Concórdia de Pedro Américo, Marie Wright coloca que o Brasil seguia pelos caminhos da civilização iluminados pela

---

<sup>122</sup> DULCI, Tereza Maria Spyer. *As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889-1928)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008, Dissertação de Mestrado. pp. 36.

<sup>123</sup> Ibidem, pp.41.

nação mais forte da América, os Estados Unidos<sup>124</sup>, indicando sua crença na ideia de que, apesar da América Latina deter poder e a possibilidade de ascensão, isto somente se concretizaria ao seguir os passos estadunidenses e pela colaboração entre os países.

O estudo acerca dos debates ocorridos nas Conferências Pan-Americanas e dos discursos proferidos por indivíduos pertencentes ao alto escalão governamental demonstram os intentos expansionistas dos Estados Unidos, inaugurando um período de ascensão do imperialismo do mesmo frente a América Latina. “Os imperadores e impérios eram antigos, mas o imperialismo era novíssimo”<sup>125</sup>. O imperialismo iniciado no século XIX difere-se dos anteriores e inaugura um imperialismo colonial, envolvendo a partilha do continente africano e de territórios asiáticos e a consolidação de áreas de influência na Ásia e América do Sul, impulsionado pelo avanço do capitalismo e pela necessidade de novos mercados. O autor Benedict Anderson, sobre o desenvolvimento do imperialismo após o fortalecimento dos ideais nacionais, aponta: “Na medida em que essas dinastias se definiam cada vez mais em termos nacionais, ao mesmo tempo que expandiam o seu poderio para além da Europa, não surpreende que o modelo tenha sido entendido em termos imperiais”<sup>126</sup>. As nações com maior poderio político e considerados culturalmente superiores passam a atuar a partir de uma nova forma de conquista, o imperialismo. De acordo com a visão de Lênin, o imperialismo marcaria a passagem para uma nova fase do capitalismo, na qual as potências capitalistas dividiram territorialmente o mundo, impulsionadas por um desejo de obtenção de matérias primas e a expansão do mercado<sup>127</sup>. Desta forma, criaram redes de relações de dependência e colônias responsáveis por abastecer o mercado internacional, favorecendo a economia das potências capitalistas. Estas competiam entre si numa rivalidade de economias industriais, buscando encontrar cada vez maiores mercados para seus produtos.

O imperialismo aparece como o desenvolvimento de uma nova fase capitalista após a formação dos Estados nacionais, em que os países colonizados desde os séculos XVI e XVII, com exceção dos Estados Unidos da América, acabam sofrendo a interferência

---

<sup>124</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp. 170.

<sup>125</sup> HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp.99.

<sup>126</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. 2<sup>a</sup>ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp.145-146.

<sup>127</sup> LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio popular*. 1<sup>a</sup>ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 89.

direta do monopólio especulativo, econômico e político dos países hegemônicos. O imperialismo estadunidense iniciado no final do século XIX vai encontrar nos tratados políticos, nas conferências e nas exposições internacionais algumas formas legalizadas de legitimar seus intentos pela supremacia nas Américas. Na tentativa de legitimar o Destino Manifesto, John O’Sullivan já criticava as nações que debatiam a expansão estadunidense, acusando-os de “limiting our greatness and checking the fulfillment of our manifest destiny to overspread the continent allotted by Providence for the free development of our yearly multiplying millions”<sup>128</sup>. Percebe-se que, com o avanço do século XIX, os intentos por expansão dos Estados Unidos, uma vez que já haviam implementado seu domínio sob os territórios a Oeste, voltam-se para as Américas. As noções de Destino Manifesto e Doutrina Monroe de expansão se expandem para além das fronteiras nacionais, partindo para a implementação de uma influência imperialista nos países vizinhos, buscando tanto a afirmação de seus modelos civilizacionais quanto o incremento no comércio.

Uma das consequências no âmbito econômico do imperialismo foi a elevação da desigualdade entre os países tidos como desenvolvidos, os imperialistas, e os em desenvolvimento. Desta forma, a economia brasileira, dependendo majoritariamente da comercialização do café, torna-se vulnerável frente aos seus maiores compradores, os Estados Unidos. Ademais, “O que o imperialismo trouxe às elites efetivas ou potenciais do mundo dependente foi, portanto, essencialmente a ‘ocidentalização’”<sup>129</sup>. Desta forma, as elites dos países dependentes passam a se identificar com os ideais ocidentais e, principalmente, os setores da burguesia passam a afirmar a existência de benefícios na aproximação com os países imperialistas. No caso do Brasil, a influência estadunidense será vista pelos altos setores como a oportunidade de adquirir um modelo capitalista e republicano que poderia guiar o país para o futuro, formando uma irmandade americana. A viajante Marie Wright expõe sua visão positiva dessa aproximação ao longo de suas obras, ressaltando os laços do destino que unem os Estados Unidos e a América Latina.

Como no caso de Marie Robinson Wright e de demais mulheres, a aplicação desse repertório para o entendimento da nova localidade constrói seus papéis como difusoras do imperialismo “[...] mainly because women travelers also fulfilled a social role when

<sup>128</sup> O’SULLIVAN, Buddy. *Georgia: a state history*. Charleston, Carolina do Sul: Arcadia Publishing, 2010. pp. 2.

<sup>129</sup> HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp.124.

traveling”<sup>130</sup>. Em sua obra, Sara Mills aponta a existência do discurso colonial na literatura de viagem por mulheres, sendo que a participação feminina no colonialismo permanecera subestimada devido ao uso de discursos e conceitos<sup>131</sup> diferenciados dos homens, atrelando essas viajantes do século XIX a posição de coadjuvantes. As viajantes europeias e estadunidenses, ao longo desse século, auxiliam na reconstrução de papéis sociais e nas redefinições dos espaços femininos. Porém, também carregavam consigo as ideologias imperialistas, sendo detentoras de privilégios nos lugares viajados e de posições consideradas superiores com relação as mulheres nativas. Inseridas em seu contexto histórico, suas visões e interesses refletem o tempo no qual se inserem, tornando-se agentes difusoras. No caso de Marie Wright, sua presença no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, como a segunda mulher a tornar-se membro, os contatos estabelecidos ao longo de sua viagem no México e Peru, exemplificam o status de destaque da viajante devido a sua nacionalidade estadunidense e sua branquitude. Ademais, a dicotomia apresentada pela viajante entre o considerado “selvagem” e “civilizado” é visível no estabelecimento dos indígenas brasileiros como os primeiros e o indivíduo pioneiro ou republicano como o segundo.

Marie Robinson Wright demonstra, em suas obras, uma visão idealizada de política externa estadunidense, não inserindo durante sua escrita o avanço do imperialismo norte-americano, possivelmente sem reconhecer a sua existência. Os Estados Unidos já demonstravam, durante a Marcha para o Oeste, uma política imperialista interna, buscando no avanço das fronteiras a conquista total do território. Quando as fronteiras internas se esgotaram, o ímpeto expansionista permaneceu. As últimas duas décadas do século XIX marcaram uma mudança nas relações exteriores dos Estados Unidos, voltando seu olhar para a América Latina na busca pela expansão dos mercados e na construção de um discurso favorável à sua hegemonia e influências em outros territórios. Assim, iniciam-se os intentos imperialistas estadunidenses. Porém, a visão de uma irmandade entre os Estados Unidos e o Brasil culminava em uma noção idealizada de pacificidade nas intenções estadunidenses frente as relações com a América Latina.

---

<sup>130</sup> RODENAS, Adriana Méndez. *Transatlantic Travels in the Nineteenth-Century Latin America: European Women Pilgrims*. Pensilvânia: Bucknell University Press, 2013, pp.226.

<sup>131</sup> MILLS, Sara. *Discourses of Difference: na analysis of women's travel writing and colonialism*. Londres: Routledge, 2000. pp.3.

Partindo do conceito de “zona de contato” proposto por Mary Louise Pratt, definido anteriormente<sup>132</sup>, é possível perceber um encontro cultural entre os Estados Unidos e a concepção de América Latina de Marie Wright. A viajante se mostrava favorável a aproximação de ambos antes da chegada ao Brasil, mas participando de espaços convenientes para a disseminação de ideários do Pan-americanismo, como os Institutos dos quais adentrou em conjunto com a elite intelectual, possibilitou a viajante incluir em sua obra uma cobertura extensa da III Conferência Pan-Americana e a sua opinião positiva acerca do evento. Sua visão assertiva dos intentos expansionistas estadunidenses no sentido econômico se encontra com a vivência de um fervilhar pan-americanista no contexto brasileiro, uma zona de contato envolvendo uma temática que a viajante já se colocava como concordante. Isto é perceptível pelas constantes afirmações de Marie Wright acerca da ligação entre os Estados Unidos e o Brasil após a proclamação da República, da união de interesses e a descrição alongada sobre a Conferência no Rio de Janeiro em comparação com os demais eventos narrados em sua obra.

O lugar social de Marie Wright como estadunidense confere a mesma uma posição omissa com relação aos intentos imperialistas de seu país de origem e explicita seus intentos frente ao expansionismo comercial com a América Latina. Porém, é perceptível em sua obra sua visão diferenciada do Brasil e dos demais países não como inferiores aos Estados Unidos, mas como irmãos que, a partir de seu modelo civilizacional e econômico, percorrem os caminhos rumo ao progresso de forma conjunta. Desta forma, ao realizar a III Conferência Pan-Americana no Rio e, posteriormente, uma Exposição Nacional, demonstra seus intentos em adentrar o cenário capitalista do século XX aos moldes estadunidenses, o que para a autora se mostra como positivo para a política e a economia do Brasil. Ao analisar as pautas e os objetivos discutidos nas Conferências Pan-Americanas entre o século XIX e XX percebe-se que as mesmas auxiliavam no cumprimento dos interesses estadunidenses, servindo para afirmar sua hegemonia frente a América Latina, ao contrário dos discursos sobre reciprocidade dos mesmos. Porém, apesar de Sara Mills afirmar que as mulheres viajantes também atuam como difusoras do imperialismo nos países visitados, um pensamento que se prova verdadeiro, Marie Wright defende a ampliação das relações exteriores do Brasil sem afirmar uma inferioridade do mesmo, mas pensando no potencial do mesmo de se tornar uma das potências do futuro.

---

<sup>132</sup> Ver a análise do conceito de “contact zone”, elaborado por Mary Louise Pratt, nas páginas 7 e 8 deste trabalho.

Nisto, a viajante acaba auxiliando a construir uma narrativa positiva a um dos princípios legitimadores do imperialismo estadunidense, mas comprova ao longo de suas obras sua visão das possibilidades de crescimento econômico e político brasileiros a partir da melhoria não somente do mercado interno, mas também externamente.

## 6- A Exposição Nacional de 1908 e as relações exteriores na obra de Marie Robinson Wright.

A busca pelo estabelecimento de relações mais próximas entre os Estados Unidos e o Brasil é perceptível desde as últimas décadas do século XIX, iniciada pela presença do imperador D. Pedro II na exposição da Filadélfia de 1876 e de representantes do governo brasileiro nas exposições internacionais de Londres (1862) e Paris (1889). As exposições internacionais, eventos de demonstração pública do potencial e dos avanços tecnológicos de um país na contemporaneidade, adquiriram importância na melhoria das relações exteriores, pois apresentam a sua população e aos demais governos a diversidade e potencialização de inovações tecnológicas obtidas até então. As exposições eram uma revelação da inserção dos países nas lógicas capitalistas, buscando demonstrar aos demais os avanços tecnológicos obtidos nos últimos anos, vangloriando suas conquistas nos setores industriais. Ao longo do final do século XIX, as exposições desempenharam um importante papel na propaganda das tecnologias e dos níveis de industrialização dos Estados nacionais, tornando-se eventos de demonstração dos benefícios obtidos pela aderência ao capitalismo. “Em suas grandes exposições internacionais [...] a civilização burguesa sempre se orgulhara do triunfo triplo da ciência, da tecnologia e das manufaturas”<sup>133</sup>.

Desta forma, as exposições internacionais atendiam aos interesses buscados na expansão das relações exteriores dos países através da legitimação de sua inserção no cenário capitalista atual e na afirmação de crescimento econômico, um convite a abertura as demais nações. “A internacionalização dos contatos entre diferentes regiões do mundo e a organização de um sistema de intercâmbio, impulsionada pelo liberalismo econômico, como vemos, tiveram nas Exposições Universais seu motor e a participação do Brasil foi um dos termômetros da internacionalização econômica e cultural do país”<sup>134</sup>. Margareth Pereira considera as Exposições do século XIX como modos de olhar, comparar e julgar os universos cosmopolitas em ascensão<sup>135</sup>, uma educação visual voltada ao culto da tecnologia e do progresso. A circulação de imagens do avanço capitalista servia para educar e disseminar visões do potencial comercial de um país, adentrando os interesses

<sup>133</sup> HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp.114-115.

<sup>134</sup> PEREIRA, Margareth da Silva. *A exposição de 1908 ou o Brasil visto de dentro*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Arqtexto, pp.12.

<sup>135</sup> Ibidem, pp.8.

do recém instaurado governo republicano no Brasil como uma estratégia tanto de celebração de um marco do passado quanto da abertura de possibilidades futuras. Ademais, de acordo com Mary Anne Junqueira, as exposições universais detinham dois objetivos: “[...] expor ao público interno e aos interesses estrangeiros as últimas invenções e experimentos técnico-científicos; por outro, abrir mercados e implementar grandes negócios”<sup>136</sup>. Desta forma, expor as capacidades produtivas do país e os avanços tecnológicos e industriais auxiliava na busca por novos mercados no exterior, impulsionando um aumento das relações comerciais.

De maneira semelhante, a Exposição Nacional no Brasil atendeu a esses propósitos, buscando ampliar o conhecimento da população acerca das produções diversas em cada estado e apresentar os inúmeros potenciais que o mercado brasileiro poderia fornecer ao mundo. Devido a isto, percebe-se os motivos que levaram Marie Wright a empreender a escrita de uma obra sobre a Exposição Nacional, enxergando na mesma a oportunidade da melhoria das relações com os Estados Unidos, a afirmação do Estado nacional brasileiro e a confirmação dos potenciais ilimitados do país, auxiliando para o que a viajante acredita ser o destino comum entre as Américas: o progresso brasileiro e estadunidense como um caminho de irmandade. O Brasil participou de todas as Exposições Universais do século XIX, exibindo produtos, construindo jardins e edifícios, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Brasileiros receberam premiações e elogios, sobretudo nos Estados Unidos após a Exposição Universal em Chicago e Saint-Louis, em 1893 e 1904 respectivamente, auxiliando na construção de uma visão positiva do crescimento econômico do Brasil. De acordo com Margareth Pereira, outros dois fatores auxiliaram no impulsionamento da imagem positiva do crescimento brasileiro e na decisão pela efetivação de uma Exposição Nacional no país: a reconstrução de um pavilhão presente na exposição de Saint-Louis, conhecido como Palácio Monroe no Rio de Janeiro, e da ocorrência da III Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro em 1906 no mesmo edifício<sup>137</sup>.

As exposições eram usualmente inauguradas em datas significativas para o país no qual eram celebradas, sendo no caso do Brasil o centenário da abertura dos portos às nações, ocorrido em 1808. De acordo com Heizer, a partir da Exposição Internacional de

<sup>136</sup> JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado Nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. 2<sup>ª</sup>ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. pp.152.

<sup>137</sup> PEREIRA, Margareth da Silva. *A exposição de 1908 ou o Brasil visto de dentro*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Arqtexto, pp.15.

Londres, percebe-se a busca dos países pela demonstração do triunfo da sociedade capitalista e liberal<sup>138</sup>, vangloriando o desenvolvimento técnico e científico. A abertura dos portos no Brasil, para Marie Robinson Wright, marcou do fim do monopólio comercial na então colônia portuguesa, sendo valorizado pela viajante por proporcionar o desenvolvimento industrial e a expansão comercial. Como afirmado por Leslie Bethell, Portugal perdeu efetivamente seu domínio econômico no Brasil no ano de 1808<sup>139</sup>, sendo a abertura dos portos o marco do fim da dinâmica do monopólio e avanço no fluxo de produtos brasileiros no mercado internacional. O Boletim Comemorativo da Exposição, ao abordar a data da abertura dos portos brasileiros, aponta a precariedade mercantil da então colônia e a evolução obtida no século XIX, simbolizando, para os autores, um progresso de mil anos em apenas cem<sup>140</sup>. Como aponta Marie Wright em sua obra sobre a Exposição Nacional, a importância da abertura dos portos em 1808 reside no fato de que “The *Carta Regia* of Dom João VI. stuck off the fetters that had bound the industry and commerce of Brazil, and, as a result, glorious possibilities opened up before the national”<sup>141</sup>. O seu primeiro livro publicado, *The New Brazil*, trabalhado nos capítulos anteriores, foi igualmente produzido em comemoração do centenário da abertura dos portos, sendo descrito em sua obra como “[...] the initial step in the extensive cultivation of foreign relations which to-day places Brazil among the leading countries...”<sup>142</sup>. Assim, percebe-se a visão da viajante sobre o marco de 1808 como o início de um período de comércio, avanço industrial e de impulsionamento das relações exteriores, cortando as relações de monopólio mantidas pela metrópole.

A ideia da realização de uma Exposição Nacional foi levantada em 1905 durante o Congresso de Expansão Econômica e aprovada posteriormente pelo Congresso Nacional em 1907, sob a presidência de Afonso Pena. A Exposição Nacional no Rio de Janeiro contou com empreendimentos grandiosos desde o início, envolvendo a construção de um cais para os visitantes, pavilhões e a busca por melhores condições sanitárias na

---

<sup>138</sup> HEIZER, Alda. *A Exposição Nacional de 1908: entre comemorações*. Rio de Janeiro: Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, nº2, pp. 15.

<sup>139</sup> BETHELL, Leslie. O Brasil no Mundo In. CHALHOUB, Sidney. et al. *História do Brasil nação: 1808-2010, Volume 2: A construção nacional: 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. pp. 153.

<sup>140</sup> Boletim Commemorativo da Exposição Nacional de 1908. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1908. pp.6.

<sup>141</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The Brazilian National Exposition of 1908: In celebration of the centenary of the opening of brazilian ports to the commerce of the world by the Prince Regent Dom João VI of Portugal, in 1808*. Philadelphia: George Barry & Sons, 1908. Forgotten Books: classic reprint series. pp. 6.

<sup>142</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series. pp.13.

localidade escolhida. Na introdução do Boletim Comemorativo da Exposição Nacional é apontado que o evento foi destinado a marcar a inserção do Brasil no mundo civilizado sem a existência de vínculos coloniais responsáveis pela restrição das suas relações internacionais<sup>143</sup>. Assim, a Exposição seria o retrato do progresso e do futuro do crescimento do país. Buscava-se acentuar o progresso técnico e produtivo brasileiro nos últimos cem anos, desde 1808, afirmando tanto para a população nacional quanto para os demais países a potencialidade brasileira. Desta forma, percebe-se os intentos pelo estabelecimento de melhores relações exteriores por parte do governo republicano, partindo da comemoração do centenário de um marco. Na Exposição, a visão negativa do status de colônia, de seu atraso, é contrastada com a imagem de progresso disseminada pelos pavilhões, incentivando uma ideia de modernidade e avanço no Brasil ocasionadas pela proclamação da República. Alda Heizer expõe que “A *marcha do progresso* havia sido deflagrada e a exposição consagra-la-ia com suas demonstrações estatísticas da situação dos estados, suas terras e suas gentes”<sup>144</sup>.

Ao voltar o olhar para o crescimento econômico do território brasileiro percebe-se que ele se deu de forma desigual entre os estados devido ao interesse governamental naqueles com maior poderio, culminando na falta de assistência aos demais. O Brasil, com suas dimensões continentais, demonstra uma diversidade econômica e crescimento diferenciado entre seus estados. Devido a distância geográfica, faltava conhecimento da própria população acerca da produção e da cultura nas regiões mais longínquas do país. Desta forma, a Exposição Nacional buscava levar o conhecimento sobre múltiplas regiões do Brasil, ressaltando o potencial produtivo que poderia ser alcançado tanto para a população brasileira quanto para os estrangeiros, sendo que “The Brazilian government recognized the importance of such a national reunion, believing that it would be of great value to educate the people in a better knowledge of their vast country, and also that it would serve to stimulate progress...”<sup>145</sup>. Como exposto por Boris Fausto, as características socioeconômicas do Brasil não eram homogêneas<sup>146</sup>, mas sim altamente diversas e muitas

<sup>143</sup> Boletim Commemorativo da Exposição Nacional de 1908. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1908. pp.5.

<sup>144</sup> HEIZER, Alda. *A Exposição Nacional de 1908: entre comemorações*. Rio de Janeiro: Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, nº2, pp.20.

<sup>145</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The Brazilian National Exposition of 1908: In celebration of the centenary of the opening of brazilian ports to the commerce of the world by the Prince Regent Dom João VI of Portugal, in 1808*. Philadelphia: George Barry & Sons, 1908. Forgotten Books: classic reprint series. pp.14.

<sup>146</sup> FAUSTO, Boris. Brasil: La Primera República, 1889-1930. In. CONDE, Roberto Cortês. et al. *Historia de América Latina, 1870-1930, Volume 10*. BETHELL, Leslie (Org.). Barcelona: Editora Crítica. pp.423.

vezes incompreendidas pela própria população. A região Sudeste adentrava uma fase de intenso avanço do capitalismo, incentivando a entrada de mão de obra imigrante para as regiões cafeeiras, enquanto o Norte e o Nordeste vivenciavam períodos de crescimento inferior ou de estagnação, sentindo-se distante dos olhares do poder central.

Desta forma, a Exposição Nacional se apresentou como um evento que buscava disseminar informações sobre o país para a sua população, incentivando o sentimento nacional e auxiliando a ideia de necessidade de unidade da nação, mas também simbolizou os intentos do governo republicano de abrir o país para os padrões capitalistas ocidentais. A Exposição pode ser vista como um fator que expressaria a busca do governo republicano em modificar as diretrizes das relações exteriores do país em comparação com as do Império, pretendendo afirmar a diversidade produtiva e o movimento de industrialização para os demais países. Alda Heizer, ao analisar os grandes eventos nacionais e internacionais dos séculos XIX e XX, dentre eles a Exposição Nacional, percebe uma visão otimista de progresso e a afirmação de um estágio de civilização adquirido a partir dos moldes dos demais países ocidentais<sup>147</sup>. A Exposição Nacional atendeu a múltiplos propósitos estipulados pelo governo brasileiro, sendo o retrato da inserção do Brasil no contexto de domínio capitalista, na declaração da modernidade do país, a elevação das relações exteriores a partir da constatação da capacidade produtiva encontrada e na disseminação de conhecimento para a população local. O interesse internacional, de acordo com Marie Wright, poderia ser elevado com o evento, exprimindo sua visão no seguinte trecho: “And the more foreigners learn about Brazil by visiting this wonderful land, the greater is their admiration for her attractions, and for the splendid possibilities of her inheritance”<sup>148</sup>. Assim, ao visitar o país e o evento, os estrangeiros se voltariam as inúmeras possibilidades abertas pelo mesmo, expandindo seu conhecimento e admiração.

A obra “The Brazilian National Exposition of 1908”, publicada no ano de 1908, foi escrita com a finalidade de ser o livro oficial distribuído como souvenir durante a Exposição Nacional<sup>149</sup>. Apesar da afirmação da autora sobre este fato, não foi encontrado

---

<sup>147</sup> HEIZER, Alda. *A Exposição Nacional de 1908: entre comemorações*. Rio de Janeiro: Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, nº2, pp. 15.

<sup>148</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The Brazilian National Exposition of 1908: In celebration of the centenary of the opening of brazilian ports to the commerce of the world by the Prince Regent Dom João VI of Portugal, in 1808*. Philadelphia: George Barry & Sons, 1908. Forgotten Books: classic reprint series. pp.175.

<sup>149</sup> Ibidem, pp.3.

indício documental capaz de comprovar a possibilidade do livro ter circulado ou mesmo de ter sido distribuído durante ou após a Exposição. Com término do evento foi oferecido aos visitantes um álbum de lembranças da Exposição Nacional<sup>150</sup> composto por imagens do presidente da República, da Comissão Organizadora da Exposição, dos principais pavilhões e outras instalações, como teatros e sociedades representadas. Caso a viajante tenha sido levada a produzir a obra para o evento especificamente, pode-se levantar a hipótese de um possível financiamento governamental por detrás de seus escritos, mesmo que os mesmos não tenham sido publicados no Brasil. Ademais, não foram encontrados documentos que comprovem os motivos que levaram o governo brasileiro a não distribuir ou publicar seus livros no país, levando a viajante a voltar aos Estados Unidos para a impressão de suas obras.

Composta por 204 páginas, a obra “The Brazilian National Exposition of 1908” contém 102 ilustrações, sendo a maioria fotografias. A Exposição Nacional ocorreu em agosto de 1908 na cidade do Rio de Janeiro, na região da Praia Vermelha, envolvendo diversos pavilhões sobre a produção e tecnologia de diversos Estados e as principais atividades econômicas do país. A Exposição ficou aberta por três meses e recebeu cerca de um milhão de visitantes<sup>151</sup>. De acordo com Marie Wright, os visitantes receberam lembranças dos estados em cada prédio e pavilhão, comparando o sentimento disto a uma véspera de natal na Broadway<sup>152</sup>. Uma diversidade de engenheiros e arquitetos foram contratados pelo governo brasileiro para a construção de estruturas especificamente para o evento, criando diversos espaços para as exposições. Em menos de um ano após o término da Exposição, em 1909, foi distribuído o Boletim Comemorativo, elaborado pela Diretoria Geral de Estatística, informando tanto os efeitos que esperam obter com o evento quanto as mais diversas estatísticas sobre a população brasileira e a produção de cada Estado, fornecendo dados demográficos, econômicos e físicos do país. Os estudos para a elaboração deste material foram frutos de um longo estudo sobre o Brasil a partir dos mais abrangentes aspectos.

---

<sup>150</sup> Álbum de lembrança da Exposição Nacional de 1908.

<sup>151</sup> MARIANI, Luiza Helena Sampaio Corrêa. *Bilac, João do Rio e a Exposição Nacional de 1908*. Contemporânea, Rio de Janeiro, vol.8, nº3 (2010), pp.134.

<sup>152</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The Brazilian National Exposition of 1908: In celebration of the centenary of the opening of brazilian ports to the commerce of the world by the Prince Regent Dom João VI of Portugal, in 1808*. Philadelphia: George Barry & Sons, 1908. Forgotten Books: classic reprint series. pp.83.

A viajante afirma, em sua obra, que as exposições tem como objetivo a unificação dos interesses nacionais e promoção do desenvolvimento geral do país<sup>153</sup>, colocando que, apesar de Portugal ter funcionado como um país materno durante a colonização, cometeu o erro de impedir o avanço da economia brasileira para atender aos próprios interesses. Para ilustrar esta visão, Marie Wright compara a Exposição Nacional com a Exposição Centenária nos Estados Unidos em 1876, responsável por aumentar o desenvolvimento econômico estadunidense mais rapidamente do que outras estratégias anteriormente empregadas. Desta forma, a instauração da República e o avanço das relações exteriores são visualizados pela viajante como as chaves para o caminho do progresso. A Exposição Nacional auxiliaria na demonstração da capacidade produtiva do Brasil, tornando-se a celebração nacional mais importante da América Latina no século XX<sup>154</sup>. Ademais, Marie Wright comenta que a Exposição Nacional:

“[...] meant that the old traditions of Europe regarding Latin-American ‘lands of tomorrow’ would have to be discarded, as no longer applicable; and that at least one of these countries, by the evidence shown in this Exposition, deserves to be classed among the most progressive ‘lands of today’”<sup>155</sup>.

A viajante se delonga, ao longo de sua obra, sobre cada pavilhão construído para o evento, apresentando ao leitor a produção, alguns aspectos culturais, o desenvolvimento econômico e o avanço tecnológico dos Estados. Com isto, Marie Wright busca afirmar que o Brasil não se resume somente a larga produção de café, mas possuí uma diversidade crescente em cada localidade, havendo avanço econômico para além dos centros. A autora expõe sua surpresa ao tomar conhecimento de um número acentuado de atividades industriais fora dos centros urbanos. Analisando as informações apresentadas pelos pavilhões, a viajante exprime sua crença de que, futuramente, o Brasil teria uma das manufaturas mais avançadas do mundo, tornando-se uma potência econômica<sup>156</sup>. Percebe-se uma constante crítica da autora, ao longo da obra, acerca das visões estereotipadas e preconceituosas disseminadas por outros países sobre a América Latina, impulsionadas principalmente devido a falta de conhecimento sobre a mesma. Percebe-se, através das críticas da viajante, o objetivo de suas obras, afirmados nas suas introduções: a busca por levar conhecimento sobre o universo latino-americanos aos Estados Unidos, se afirmando como especialista em América Latina, disseminando

---

<sup>153</sup> Ibidem, pp.12.

<sup>154</sup> Ibidem, pp.29.

<sup>155</sup> Ibidem, pp.37.

<sup>156</sup> Ibidem, pp.83.

conhecimento adquirido nos países visitados. Este pensando acerca da falta de contato dos demais países com o universo latino-americano é evidenciado no seguinte trecho:

“All these evidences of the up-to-date Brazil are very surprising to the foreigner who sees them for the first time, but people who know the country and have watched its progress during the past ten years are surprised at nothing in the way Brazilian enterprise. The foreign attitude toward everything South-American – and this is truer of the United States than of Europe – is similar to that which prevailed among Europeans little more than a quarter of a century ago with regard to North America, which they looked upon as a wild and lawless territory...”<sup>157</sup>.

Um dos meios utilizados para a disseminação de informações acerca do que ocorria nas exposições nos pavilhões durante o decorrer do evento foi a presença da imprensa cobrindo a Exposição Nacional. Marie Wright aponta, em seu livro, o elevado número de jornalistas presentes, noticiando o dia a dia nos eventos. A exposição contou com um jornal próprio, o Jornal da Exposição, editado por Olavo Bilac no Pavilhão da Imprensa<sup>158</sup>. Além de Marie Wright, diversos jornalistas que trabalhavam dentro dos pavilhões relataram o que ocorria na Exposição, dentre eles Olavo Bilac e João do Rio. Ademais, o Jornal do Brasil também buscou relatar os acontecimentos da Exposição, reservando páginas inteiras para a descrição do decorrer dos eventos nos pavilhões<sup>159</sup>. O jornal Gazeta de Notícias foi um dos que mais noticiou o decorrer da Exposição Nacional, caracterizando a mesma em sua edição na data da inauguração como uma maravilha do esforço nacional, um triunfo e um milagre<sup>160</sup>, relatando as festas e os eventos especiais para o primeiro dia após meses de preparação. O jornal enviou escritores para visitar cada um dos pavilhões e relatar com detalhes o que era apresentado. A viajante demonstra interesse no pavilhão da imprensa, sendo provavelmente impulsionada pela sua proximidade com o jornalismo devido aos seus primeiros empregos nos Estados Unidos terem sido como jornalista. Seu lugar social como jornalista foi um importante passo na trajetória da viajante pois possibilitou os meios financeiros e a legitimação de suas viagens.

---

<sup>157</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The Brazilian National Exposition of 1908: In celebration of the centenary of the opening of brazilian ports to the commerce of the world by the Prince Regent Dom João VI of Portugal, in 1808*. Philadelphia: George Barry & Sons, 1908. Forgotten Books: classic reprint series. pp.141-142.

<sup>158</sup> MARIANI, Luiza Helena Sampaio Corrêa. *Bilac, João do Rio e a Exposição Nacional de 1908*. Contemporânea, Rio de Janeiro, vol.8, nº3 (2010), pp.134.

<sup>159</sup> Ibidem, pp.137.

<sup>160</sup> A Exposição: a inauguração official, o programa das festas para hoje. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, nº994, pp.1-2, 11 de agosto de 1908.

Na visão de Marie Wright é difícil estipular exatamente o quanto a Exposição Nacional auxiliaria no progresso do país, mas o evento constituiu em um passo importante para mostrar o Brasil tanto ao mundo quanto aos seus próprios habitantes. Uma das reflexões que captaram o interesse da viajante ao longo da Exposição foi a de que a natureza não é a única construtora de beleza, mas a percepção de que seus filhos também constroem os empreendimentos que se tornam admiráveis. Desta forma, a beleza do Brasil reside não somente em seus presentes concedidos pela natureza, algo que escapa do controle humano, mas também é construída e moldada por seus indivíduos, seguindo com os princípios do progresso aos moldes ocidentais. Assim, Marie Wright reafirma a beleza das construções dos pavilhões como obras de arte, dentre eles o Palácio Monroe, construído também para sediar a III Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro em 1906. A Exposição Nacional permitiu a viajante visualizar as influências do sentimento pan-americanista, colocando que “The apotheosis of the Pan-American sentiment that prevails in Brazil is expressed in the beautiful Monroe Palace...”<sup>161</sup>. A visão do Pan-americanismo como uma apoteose e, portanto, glorificado e endeusado, além da presença na Exposição da construção arquitetônica na qual a Conferência ocorreu, reflete o seu impacto na cultura brasileira da época, um movimento e uma ideologia nas relações exteriores do Brasil trabalhadas no capítulo anterior<sup>162</sup>.

A Exposição Nacional, considerada pela viajante um marco do início do século XX na América Latina, buscou para além de informar a população do país sobre a sua diversidade produtiva, a afirmação dos padrões ocidentais de crescimento econômico e a inserção do Brasil no panorama capitalista. A Exposição seria, para Marie Wright, um demonstrativo do avanço que ela vê para o país no futuro, assim como a ascensão econômica de outros países na América Latina. O nacionalismo e o desejo pela expansão das relações exteriores se encontram presentes na atmosfera do evento, noticiados tanto por Marie Wright quanto pelos jornalistas da época. O Palácio Monroe como um dos edifícios de maior poderio no evento, sendo utilizado tanto como local da III Conferência Pan-Americana quanto para a Exposição, seria a convergência de interesses governamentais no início da República: a inserção do país no universo capitalista e

---

<sup>161</sup> WRIGHT, Marie Robinson. *The Brazilian National Exposition of 1908: In celebration of the centenary of the opening of brazilian ports to the commerce of the world by the Prince Regent Dom João VI of Portugal, in 1808*. Philadelphia: George Barry & Sons, 1908. Forgotten Books: classic reprint series. pp.196.

<sup>162</sup> Ver capítulo “O Pan-americanismo: influências e inserção da obra de Marie Robinson Wright” na página 56 deste trabalho.

progressista do século XX e a ampliação das relações com outros países, especialmente os Estados Unidos. Entrar no século XX envolvia, para o Brasil, acompanhar ativamente um ritmo de modernidade estabelecido pelos modelos estadunidenses.

O lugar social de Marie Robinson Wright como viajante e estrangeira fornece um olhar diferenciado da Exposição Nacional em comparação com as descrições dos jornais locais. O objetivo da autora não seria somente a confecção da obra para distribuição no evento, mas também para ser publicada nos Estados Unidos afim de disseminar conhecimento sobre o que ocorria nos primeiros anos do regime republicano no Brasil. Assim, a viajante volta o seu olhar não somente para a descrição arquitetônica e das exposições nos pavilhões, mas para os aspectos que poderiam chamar o interesse de um estrangeiro sobre o país. Por isto, Marie Wright discorre amplamente sobre a diversidade produtiva do país, suas similaridades com os Estados Unidos, a industrialização e o avanço comercial, focalizando em transmitir a imagem de um Brasil aberto ao mundo. O olhar particular da viajante apresenta uma Exposição Nacional vista através de um repertório cultural adquirido tanto na sua educação no seu país de origem quanto da influência de seus trajetos. O seu olhar positivo para a ocorrência de uma Exposição advém do fato de ter participado de outras nos Estados Unidos e na Europa, possibilitando visualizar diretamente os possíveis efeitos positivos que um evento de grande porte poderia trazer para a economia e a política de um país. Ademais, pela obra ter sido escrita com a finalidade, inicialmente, de ser distribuída durante o evento, demonstra a possibilidade de um financiamento governamental, levando a viajante a voltar seu olhar para o avanço técnico e tecnológico do país afim de afirmar a imagem de um Brasil que o governo republicano desejava passar. Este novo Brasil, do progresso e do avanço, necessitaria expor sua diversidade e legitimar-se como benéfica para relações comerciais, a fim de concretizar sua posição de irmandade com os Estados Unidos.

Na visão da viajante, os estadunidenses e os brasileiros compartilhavam de um destino comum, um caminho de avanço no século XX do qual trilhariam conjuntamente. Para o cumprimento deste destino, as relações entre ambos, assim com outros países, deveriam se fortalecer. De acordo com Marie Wright, seu objetivo ao escrever suas obras sobre os Estados nacionais na América Latina seria de expandir o conhecimento sobre esta no seu país de origem e a publicação do livro sobre a Exposição Nacional nos Estados Unidos, apesar de ter não ter sido distribuído no evento como foi estipulado, demonstra a crença da mesma no fato de que o evento representaria os desejos do governo republicano

para o futuro e constituiria uma via de transmissão de conhecimento acerca das possibilidades oferecidas pelo Brasil. Desta forma, o desenrolar dos eventos e exibições da Exposição Nacional em 1908 ilustrariam um novo Brasil, tecnológico e diverso, abandonando, na concepção da autora, a antiga caracterização como “terra do ontem” e tornando-se uma “terra do amanhã”, atraindo os olhares estrangeiros. Os sentimentos de abertura para o exterior poderiam ser percebidos tanto pela presença constante do Pan-americanismo na mentalidade dos indivíduos da época, visível na manutenção do Palácio Monroe, como a concretização da Exposição Nacional, na busca por transmitir uma imagem de um Brasil voltado ao futuro e, portanto, aos modelos vigentes, construídos sobretudo pelos Estados Unidos, e a abertura ao exterior.

## 7- Conclusão

A partir do trabalho empregado nesta monografia, é possível perceber as inúmeras influências do contexto de produção sobre as duas obras de Marie Robinson Wright, “The New Brazil” e “The Brazilian National Exposition of 1908”, sendo a realidade tanto o postulado quanto o produto do olhar da viajante sobre o país. A passagem do século XIX para o XX, vivenciada pela viajante durante sua trajetória, marca no Brasil um período de modernização e urbanização nos grandes centros urbanos e o desenvolvimento do processo de industrialização devido a expansão do comércio exterior. Ademais, um dos marcos principais foi o avanço na formação do Estado nacional brasileiro. Na visão tradicionalista de Marie Wright, a nação seria germinada desde o período colonial na formação identitária de seus habitantes, seguindo um destino providencial rumo a construção da República. Sua concepção mostra-se contrária as correntes contemporâneas modernistas de estudo dos Estados nacionais, nas quais a nação é tida como uma construção moderna, sendo uma comunidade política imaginada, soberana e territorial. A existência de inúmeros Estados nacionais operantes na América Latina, frutos de complexos processos de independência, captam a atenção da viajante, empregando-se a transmitir conhecimento acerca deles para os Estados Unidos.

Na passagem para a República, uma das características que diferiam o novo sistema da época do Império era a diretriz das relações exteriores. No decorrer do século XIX foram realizadas as conferências interamericanas a partir de duas vertentes: bolivariana e monroísta. Ao longo do trabalho, discorreu-se sobre a ascensão do último modelo em detrimento do primeiro, levando os Estados Unidos a assumirem a liderança das futuras Conferências, impulsionados pela ampliação de seus mercados e contra interferências europeias. De acordo com Marie Wright, a aproximação do Brasil com os Estados Unidos era o cumprimento de um destino comum, de uma relação de irmandade cujo fruto seria a obtenção do progresso de maneira conjunta. Dentre os motivos que impulsionaram os Estados Unidos a buscar expandir suas relações com o restante da América estão uma maior organização política após a integração do Sul à União com o fim da Guerra Civil, o acúmulo de capital e o avanço industrial, necessitando ampliar o alcance de seus mercados. Na visão teleológica de Marie Wright, cada acontecimento e processo histórico vivido ao longo dos séculos segue rumo a uma finalidade, sendo no caso dos Estados Unidos e do Brasil a formação de Repúblicas. Porém, percebe-se ao longo de sua obra, as críticas da autora a Guerra Civil estadunidense, sendo o processo de instauração da

República no Brasil tida como um exemplo de pacifismo nunca visto, devendo ser aprendido nos demais. A realidade brasileira traduzida pelos olhares da viajante em suas obras reflete um Brasil revolucionário de grande sucesso, pacífico, unido e caminhando a um progresso comum, visões muitas vezes idealizadas da autora frente a vivência da Guerra Civil em seu país de origem.

Dois eventos, trabalhados ao longo desta monografia, refletem a mudança nas diretrizes das relações exteriores brasileiras, ambos presentes nas obras de Marie Wright de maneira detalhada: a III Conferência Pan-Americana e a Exposição Nacional. O Pan-americanismo, em ascensão desde o final do século XIX, buscava a construção de um sistema entre as Américas baseado em reciprocidade e união de interesses frente a possíveis avanços europeus. Porém, ao analisar a finalidade das propostas apresentadas durante as conferências, percebe-se os intentos estadunidenses de se tornar a liderança. A americanização das relações exteriores no Brasil da República Velha evidencia a busca do país em inserir-se no cenário do capitalismo internacional e da busca por um modelo civilizatório advindo dos Estados Unidos. Marie Wright vê nestes avanços entre os dois países a possibilidade da concretização de um destino conjunto e de um crescimento americano envolvendo todas as Américas. Todavia, os elogios tecidos pela viajante ao desejo de ampliação das redes de relações pelos Estados Unidos não eram compartilhados na totalidade da América Latina. Países como a Argentina vislumbravam os intentos imperialistas dos Estados Unidos, concretizados nas intervenções realizadas pelos mesmos ao longo do século XIX.

As duas obras analisadas neste trabalho evidenciam a concordância de Marie Wright aos ideais pan-americanistas, voltando-se para o estabelecimento de melhores relações com os Estados Unidos. Porém, seus posicionamentos em defesa da autonomia dos governos latino-americanos e o curso conjunto que os mesmos trilhariam com os estadunidenses levam a constatação de que Marie Wright poderia não ter percebido os intentos imperialistas por detrás das propostas apresentadas por seu país de origem ou, caso tivesse tomado consciência, não se posicionava favoravelmente a possíveis intervenções ou benefícios comerciais exclusivos. Contudo, após o corolário de Roosevelt em 1904, apontando a possibilidade de intervenção nos países latino-americanos caso estes não governassem conforme os princípios estabelecidos, as orientações do imperialismo estadunidense se mostraram evidentes. Os Estados Unidos passam a afirmar sua hegemonia através de meios legais, como contratos comerciais e alianças, colimando

em um imperialismo mascarado de reciprocidade. Isto poder ser percebido no decorrer das Conferências Pan-Americanas, nas quais a elite brasileira visualiza benefícios econômicos com a aproximação com os estadunidenses.

A Exposição Nacional de 1908 mostrou-se como sendo um evento sem precedentes na América Latina para a viajante e, incumbida da escrita do livro lembrança do evento, Marie Wright constrói uma obra especificamente para a Exposição. Não foram encontrados documentos capazes de fornecer uma resposta quanto as motivações que levaram o governo brasileiro a não distribuir a obra de Marie Wright, mas a viajante conseguiu publicar “The Brazilian National Exposition of 1908” e “The New Brazil” nos Estados Unidos. A Exposição Nacional buscava transmitir conhecimento sobre a diversidade produtiva e o avanço técnico e industrial dos últimos cem anos tanto para a população brasileira, muitas vezes sem informações sobre locais mais longínquos do país, como para os estrangeiros que a visitaram. A viajante afirma que a Exposição poderia auxiliar na melhora das relações com outros países, embora não pudesse afirmar o seu alcance. Desta forma, o evento disseminou a um público abrangente o conhecimento sobre a produção brasileira, além de afirmar a abertura e inserção do país ao cenário internacional. Ao contrário da Conferência Pan-Americana, envolvendo somente o alto escalão do governo e convidados especiais, a Exposição voltava-se a um público abrangente.

A III Conferência Pan-Americana e a Exposição Nacional de 1908 possibilitam visualizar os projetos e intentos do recém instaurado governo republicano, buscando além da afirmação do poderio brasileiro, a expansão das relações exteriores. Internacionalizar a economia significaria para o Brasil se inserir efetivamente no século XX e no panorama do capitalismo, tendo os Estados Unidos como modelo civilizatório a ser seguido. Na concepção da viajante, isto faria parte de um caminho natural e benéfico para ambos os países. Portanto, os dois eventos abordados ao longo da monografia demonstram a mudança nas diretrizes das relações exteriores brasileiras no início da República Velha, buscando afirmar a união e a diversidade produtiva do país, empenhando-se por maior proximidade com os Estados Unidos, tanto por motivações econômicas quanto pela afirmação de seus modelos políticos e ideológicos. O “Novo Brasil”, formado pelo desenvolvimento de um espírito moderno de progresso e de um destino comum, teria, para Marie Robinson Wright, seu caminho trilhado ao lado dos Estados Unidos, iniciado

primeiramente através da expansão e melhoria das relações exteriores após a formação da República.

## Referências Bibliográficas

- **Fontes**

WRIGHT, Marie Robinson. *The Brazilian National Exposition of 1908: In celebration of the centenary of the opening of brazilian ports to the commerce of the world by the Prince Regent Dom João VI of Portugal, in 1808*. Philadelphia: George Barry & Sons, 1908. Forgotten Books: classic reprint series.

WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil: Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. 2<sup>a</sup> ed. Philadelphia: George Barry & Sons, 1907. Forgotten Books: classic reprint series.

- **Bibliografia**

A Exposição: a inauguração official, o programa das festas para hoje. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, nº994, pp.1-2, 11 de agosto de 1908. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730\\_1908\\_00224.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1908_00224.pdf)

Álbum lembrança da Exposição Nacional de 1908. pp.1-24. Disponível em: <https://fauufpa.files.wordpress.com/2014/08/c3a1lbum-lembranc3a7a-dá-exposic3a7c3a3o-nacional-de-1908-rio-de-janeiro.pdf>

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. 2<sup>a</sup>ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ALONSO, Rafael Affonso de Miranda. et. ARAUJO, Rafael Pinheiro. *As relações entre Estados Unidos e América Latina (1889-1930): da Primeira Conferência Pan-Americana ao anti-imperialismo latino-americano*. Revista Eletrônica da ANPHLAC, nº25 (2018), pp.135-160. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/3060/2664>

ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano (1876-1945)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2007, Dissertação de Doutorado. pp.22-47. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-19112010-154556/publico/Fernando\\_Alique\\_Tese.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-19112010-154556/publico/Fernando_Alique_Tese.pdf)

- BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. Capítulo V. In. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: Conflito e integração na América do Sul*. 3<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BETHELL, Leslie. *Conferências Pan-americanas*. Rio de Janeiro, CPDOC, pp.1-10. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CONFER%C3%8ANCIAS%20PAN-AMERICANAS.pdf>
- BETHELL, Leslie. *Nabuco e o Brasil entre a Europa, Estados Unidos e América Latina*. Novos Estudos, Dossiê Joaquim Nabuco, nº88 (2010), 29 de agosto de 2010, pp.73-87. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/21130/S0101-33002010000300005.pdf?sequence=2&isAllowed=y>
- Boletim Commemorativo da Exposição Nacional de 1908. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1908. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25380.pdf>
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- CHALHOUB, Sidney. et al. *História do Brasil nação: 1808-2010, Volume 2: A construção nacional: 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- CONDE, Roberto Cortês. et al. *História de América Latina, 1870-1930, Volume 10*. BETHELL, Leslie (Org.). Barcelona: Editora Crítica. pp. 333-425. Disponível em: [https://archive.org/stream/bethellleslieed..historiadeamericalatinatomo101992\\_201907/Bethell%20Leslie%20%28ed.%29.%20-%20Historia%20de%20America%20Latina%20%5BTomo%2010%5D%20%5B1992%5D](https://archive.org/stream/bethellleslieed..historiadeamericalatinatomo101992_201907/Bethell%20Leslie%20%28ed.%29.%20-%20Historia%20de%20America%20Latina%20%5BTomo%2010%5D%20%5B1992%5D)
- COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. 9<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010. pp.235-273, pp.493-523.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: *História das mulheres no Brasil*. PRIORE, Mary Del (org.). 10<sup>a</sup>ed. São Paulo: Contexto, 2017. pp.223-241.
- DULCI, Tereza Maria Spyer. *As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889-1928)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008,

Dissertação de Mestrado. Disponível em:  
[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-110850/publico/TEREZA\\_MARIA\\_SPYER\\_DUCI.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-110850/publico/TEREZA_MARIA_SPYER_DUCI.pdf)

DULCI, Tereza Maria Spyer. *Conferências Pan-Americanas (1889-1928): a questão das identidades*. In. VIII Encontro Internacional da ANPHLAC. Vitória: 2008. Anais Eletrônicos. pp.1-21. Disponível em: [http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/tereza\\_spyer\\_0.pdf](http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/tereza_spyer_0.pdf)

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 50, pp.1-39, fevereiro de 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332017000200508&lng=pt&tlang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000200508&lng=pt&tlang=pt)

GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. 2<sup>a</sup>ed. Nova Iorque: Cornell University Press, 2006.

HENRICH, Nathalia. *La III Conferencia Panamericana em Río de Janeiro (1906) y las relaciones entre Brasil y Estados Unidos*. Espanha: Revista de Estudios Brasileños, vol.4, nº8 (2017), pp.90-101. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/139793-Texto%20del%20art%C3%ADculo-271911-1-10-20171018.pdf>

HEIZER, Alda. *A Exposição Nacional de 1908: entre comemorações*. Rio de Janeiro: Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, nº2, pp.14-24. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/a-exposicao-nacional-de-1908-entre-comemoracoes/>

Her love grew less: Dr. P. Huntley Secures Permanent Divorce by Final Decree, Marie Robinson Wright in it. The Atlanta Constitution, 2 de maio de 1896. Disponível em: <https://www.newspapers.com/clip/4198651/marie-robinson-wright-cited-in/>

HOBSBAWM, Eric John. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos et. Yolanda Steidel de Toledo. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. pp.93-135, 297-339.

HOBSBAWM, Eric John. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 3<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

IVES, Alice E. *Two brave women: Travelled alone one thousand miles on horseback through Mexico*. The Topeka Daily Capital. Topeka, Kansas, pp.6, 7 de setembro de 1897.

- Disponível em:  
<https://www.newspapers.com/image/?spot=4198661&fcfToken=70385463366354453532356d6442443568706261765659645238554a455941476472454769644d536969476c71482f6b4f3369464e6e4d4b506e663033535934>
- JENSEN, Lotte. et al. *The Roots of Nationalism: National Identity Formation in Early Modern Europe, 1600-1815*. 1<sup>a</sup>ed. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2016.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado Nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. 2<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio popular*. 1<sup>a</sup>ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- LEVY, Ruth Nina Vieira Ferreira. *Entre palácios e pavilhões: a arquitetura efêmera da Exposição Nacional de 1908*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998, Dissertação de Mestrado, pp.63-84. Disponível em:  
<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/5581>
- LOCKEY, Joseph Byrne. Meaning of Pan-americanism. In. *Pan-americanism: its beginnings*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1920. pp.1-36. Disponível em:  
<https://archive.org/details/panamericanismi01lockgoog>/mode/2up
- LOGUERCIO, Edgardo Alfredo. As origens do Pan-Americanismo. In. *Pan-americanismo versus Latino-americanismo: origens de um debate na virada dos séculos XIX-XX*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, Dissertação de Mestrado, pp.52-76. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-11102012-100307/pt-br.php>
- MANTHORNE, Katherine E. *O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX*. Revista da USP, Universidade de São Paulo, nº30 (1996), jun/ago de 1996, pp.58-71. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25907/27639>
- MARIANI, Luiza Helena Sampaio Corrêa. *Bilac, João do Rio e a Exposição Nacional de 1908*. Contemporânea, Rio de Janeiro, vol.8, nº3 (2010), pp.133-144. Disponível em:  
[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_16/contemporanea\\_n16\\_10\\_mariani.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_16/contemporanea_n16_10_mariani.pdf)
- MELO, Américo Brasiliense de Almeida e. *Os programas e partidos e o 2º Império*. São Paulo: 1878, pp.59-88. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4360902/mod\\_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4360902/mod_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf)

MILLS, Sara. *Discourses of Difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. Londres: Routledge, 2005. pp. 5-53.

MINELLA, Jorge Lucas Simões. *Pan-Americanismo no Brasil: uma abordagem conceitual a partir do Estado Novo*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013, Dissertação de Mestrado. pp.33-91. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123061>

Mrs. Marie R. Wright called to the beyond: Georgia woman, noted as traveler and writer, passed in New York. 3 de fev 1914. Jornal Atlanta Constitution.

NEVES, Margarida de Souza; HEIZER, Alda. *A ordem é o progresso: O Brasil de 1870 a 1910*. 14<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atual, 2004, (Série História em Documentos).

O'SULLIVAN, Buddy. *Georgia: a state history*. Charleston, Carolina do Sul: Arcadia Publishing, 2010.

PAULINO, Carla Viviane. *Os relatos de viagem do século XIX como fontes históricas para a prática do ensino de História da América: algumas considerações teórico-metodológicas*. Fronteiras e Debates, Macapá, v.3, nº2, jul/dez de 2016, pp.115-136. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/view/3600/carlav3n2.pdf>

PEREIRA, Margareth da Silva. *A exposição de 1908 ou o Brasil visto de dentro*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Arqtexto, pp.6-27. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\\_revista\\_16/01\\_MSP.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/01_MSP.pdf)

PEREIRA, Paulo José dos Reis. *A política externa da primeira república e os Estados Unidos: a atuação de Joaquim Nabuco em Washington (1905-1910)*. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2006.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. Londres: Routledge, 2003.

RÉ, Flávia Maria. *A distância entre as Américas: uma leitura do Pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas no Brasil (1889-1912)*. São Paulo, 2010, Dissertação de

mestrado. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-16062011-130747/pt-br.php>

PRIORI, Mary Del. Tempos de mudança e medo. In: *Histórias da gente brasileira, Volume 3: República: memórias (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Leya, 2017, pp.24.

ROOSEVELT, Theodore. Annual Message to Congress, 6 de dezembro de 1904. Disponível em: <https://www.ourdocuments.gov/doc.php?flash=false&doc=56&page=transcript>

SANTOS, Luís Cláudio Villafaña G. *O Brasil entre a América e a Europa: O Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SANTOS, Luís Cláudio Villafaña G. *O dia em que adiaram o carnaval: política externa e a construção do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SANTOS, Paulo Coelho Mesquita. *O Brasil nas exposições universais (1862 a 1911): mineração, negócio e publicações*. Campinas, UNICAMP, 2009, Dissertação de Mestrado. pp.8-60. Disponível em:

[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/287014/1/Santos\\_PauloCoelhoMesquita\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/287014/1/Santos_PauloCoelhoMesquita_M.pdf)

SCHWARCZ, Lilia Moritz. et al. *História do Brasil nação: 1808-2010, Volume 3: A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Os Institutos Históricos e Geográficos: “guardiões da história oficial”. In: *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

SILVA, Gabriela Correa da. *Dos passados heterogêneos ao mosaico continental: pan-americanismo e operação historiográfica no IHGB republicano (1889-1933)*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019, Dissertação de Mestrado, pp.33-119. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/194606>

SILVA, Micael Alvino da. *O Estado brasileiro e as Conferências Pan-americanas: as representações de políticos, diplomatas e intelectuais*. In. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: 2011. Anais Eletrônicos. pp.1-12. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300654768\\_ARQUIVO\\_textoanpuh-versaofinal.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300654768_ARQUIVO_textoanpuh-versaofinal.pdf)

SMITH, Robert Freeman. Os Estados Unidos e a América Latina, 1830-1930. In. *História da América Latina, Volume IV*. BETHELL, Leslie (Org.). Trad. Geraldo Gerson de Souza. 1<sup>a</sup>ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. pp.609-651.

Sócios Honorários. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, vol. 13 (1908), pp. 485.

The Brazilian Review: a weekly record of trade and finance. Rio de Janeiro: v.9, n°19, 8 de maio de 1906, pp.393. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=161993&pagfis=3177>

The Brazilian Review: a weekly record of trade and finance. Rio de Janeiro: v.4, n°27, 2 de julho de 1901, pp.465. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=161993&pagfis=3177>

The Brazilian Review: a weekly record of trade and finance. Rio de Janeiro: v.2, n°32, 8 de maio de 1899, pp. 515. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=161993&pagfis=3177>

WILLARD, Frances Elizabeth. Women in unusual paths. In: *Occupations for women: a book of practical suggestions for the material advancement, the mental and physical development, and the moral and spiritual uplift of women*. Cooper Union, New York: The Success Company, 1897. pp. 330-332. Disponível em: <https://archive.org/details/occupationsforwo00will>

WOODFIELD, Andrew. *Teleology*. Cambrigde: Cambrigde University Press, 1976. pp. 1-35. Disponível em: <https://archive.org/details/Teleology>

WRIGHT, Marie Robinson. *Picturesque Mexico*. Philadelphia: J.B. Lippincott Company, 1897. Disponível em: <https://archive.org/details/picturesquemexic00wrig>

WRIGHT, Marie Robinson. *The Falls of Iguazu*. The National Geographic magazine, Washington, vol. 17 (1906). pp. 456-460. Disponível em: <https://archive.org/details/nationalgeograph171906nati>

WRIGHT, Marie Robinson. *The old and the new Peru: A story of an ancient inheritance and the modern growth and enterprise of a great nation*. Filadélfia: Geogre Barry & Sons, 1908. pp. 1-35.

WRIGHT, Marie Robinson. *The Republic of Chile: The growth, resources and industrial conditions of a great nation*. Filadélfia: George Barry & Sons, 1904. pp. 5-45. Disponível em: <https://archive.org/details/republicofchileg00wrig>